

Luciana Cardoso de Souza

# BREGA FUNK

A VOZ dos  
Incaláveis



**BREGA FUNK:**  
**A VOZ DOS INCALÁVEIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicação  
e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de  
bacharela em Jornalismo

**Livro-reportagem**

Luciana Cardoso de Souza

**Orientação**

Professor Doutor Rodrigo Pelegrini Ratier

São Paulo

2024

*A música da periferia do Recife não é apenas o maracatu iluminado e museificado, tampouco o caboclinho com um riso fácil ou o afoxé de um carnaval de tambores silenciosos. A música da periferia do Recife é, sobretudo, o brega romântico, rasgado, sexual e pernicioso. É a música dos MCs, ídolos entre garotas, e das divas bregueiras, espelhamento de meninas, travestis, gays, drag queens. A música da periferia é a swingueira quase funkeada, o pagode radiofônico, o grito da cantora pop, o hiphop. A música da periferia não cabe na foto de políticas estatais, porque vaza ao controle de uma identidade higienizada. É, por si só, contaminada pela borda, pela sombra, por aquilo que os governos não querem enxergar.*

Thiago Soares, 2021 p.52

## ÍNDICE

<b>UMA NOITE PRA GERAR</b>	<b>05</b>
<b>UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DO BREGA RECIFENSE</b>	<b>10</b>
<b>O BREGA E AS FORÇAS POLÍTICAS</b>	<b>22</b>
<b>POR ESSA NEM O FUTURO ESPERAVA: DO BREGA FUNK DAS PERIFERIAS DO RECIFE ÀS PARADAS DE SUCESSO DO BRASIL</b>	<b>41</b>
<b>DA LOUSA AO LATTES: O BREGA FUNK NA UNIVERSIDADE</b>	<b>63</b>
<b>COMPOSIÇÕES FUTURAS</b>	<b>84</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>91</b>



UMA NOITE PRA

# GERAR



## Uma noite pra gerar

Minha família morreu de rir quando soube do que estava para acontecer. Logo eu, que troco qualquer coisa para ficar quietinha em casa com meus gatos. Virar a noite, para mim, nunca é uma opção. Mas, nesse caso, posso sempre botar a culpa na academia – seguindo a sugestão do meu orientador de TCC, que pediu “uma visão em primeira pessoa”, eu estava me preparando para ir a um show de brega funk.

Entre os risos da minha tia, meus primos toparam de primeira a ideia de ir comigo. Pesquisando pelo Instagram, encontramos duas casas de show em que as atrações principais eram artistas da cena brega funk. Diferente do Rio, com seus bailes funk, ou Belém, com as festas de aparelhagem, Recife não tem um local dedicado exclusivamente ao brega funk. Aqui, as casas de show são palcos de muita diversidade musical.

Tivemos de escolher entre duas festas: uma no Resenha, no bairro Arruda, com Dadá Boladão, que é famoso pelo remix de “Surtada” e suas 285 milhões de visualizações no canal Kondzilla, e a outra na Lounge, em Piedade, destacando MC Troia, um dos pioneiros do brega funk com hits como “Balança, Balança” e outros sucessos, que acumulam mais de 70 milhões de visualizações.

Diante das duas opções, a escolha foi difícil porque gosto muito dos dois. O hit “Surtada”, de Boladão, faz parte da minha playlist “Fique em casa e dance”, que montei durante a pandemia e que era trilha-sonora das minhas danças todos os dias. Ainda assim, optei pela *Fexta* com MC Tróia. Além de gostar muito do Troinha, a escolha foi influenciada pela localização, já que a Lounge é mais próxima da minha casa.

Chegamos por volta das 23 horas, pegamos o copo e a pulseira da área do camarote open bar e subimos para o mezanino. De lá, tínhamos uma visão ampla da casa de show. Pagamos R\$90,00 por cada ingresso e tivemos direito à água, cerveja Heineken, refrigerantes, alguns destilados e caipirinha que já estava pronta naqueles garrafões de 20 litros.

Além do camarote open, o local contava com outros espaços ainda mais exclusivos, cujos ingressos não eram disponibilizados no site e as reservas eram feitas exclusivamente através do WhatsApp da casa de shows. Com valores a partir de R\$ 500,00 para grupos com 10 pessoas e sem direito a consumo, era possível reservar os camarotes ouro, prata e diamante, que ficavam numa espécie de mezanino mais próximo ao palco; ou então curtir nos gazebos, espaços quadrados separados na mesma altura do palco, do ladinho dos artistas. Quem estava nesses ambientes, principalmente nos gazebos, mostrava que estava ali para ser visto e admirado – sem falar da visão privilegiada.

A entrada simples, sem direito a consumo, custava R\$40,00. No bar do térreo, os baldes com gelo e bebida custavam a partir de R\$80,00, com 10 latas de cerveja Petra. 10 long necks de Heineken ou Budweiser saíam por R\$160,00, enquanto o kit garrafa de uísque, gelo, água de coco e energético tinha preços variados.

Essas escolhas mostravam o estilo de cada grupo e, claro, quanto estavam dispostos a gastar. Olhei pro lado e um boyzinho estava com o rosto encostado no balde de uísque, tirando uma selfie para postar no Instagram.

No meio daquele fervor, dava para ver que a curtição estava *jerando* (intensa), com a galera dançando coladinho, descendo agarradinho até o chão, cantando junto com o artista, levantando a bebida, fechando os olhos e gritando a plenos pulmões. Se fosse uma música *de roer* (sofrer), dava para notar as pessoas *castelando*, gíria bregosa para quem está pensando alto, refletindo sobre alguém ou alguma situação.

A interação e empolgação do público não se restringiam à presença dos cantores mais famosos. O DJ que tocava entre as atrações principais tinha a mesma resposta da plateia, que cantava junto, requebrava demais e respondia às suas perguntas. Ele aproveitou para divulgar os próximos eventos, fazer umas *publis* e dar alguns recadinhos. Não podia faltar, claro, a pesquisa sobre os times de futebol daqui. Para levantar e agitar a galera, o DJ puxou os gritos de torcida do Sport, Santa Cruz e Náutico. Como uma boa rubro-negra, respondi a todos os “Cazá-cazá” que foram puxados.

Entre um show e outro, subi no camarote open para beber e conversar com

meus primos. Percebi a mudança do semblante de algumas pessoas à medida que o álcool entrava. Trocaram algumas mesas de lugar, mas algumas pessoas estavam no mesmo ponto que estavam horas atrás. Não as julgo: elas estavam garantindo uma boa visão do palco e do movimento da casa toda.

Desci para o show do MC Tocha e fiquei em frente ao palco. O cantor estava praticamente em casa, já que é do bairro Jardim Piedade, bem pertinho da Lounge. Além dele, outros artistas também participaram do show. Os convidados cantaram algumas músicas com a banda e algumas vezes foram acompanhados pelo próprio Tocha ou pelas bailarinas. Os solos de guitarras e boas marcações no baixo e na bateria provaram que os músicos da banda do MC são realmente muito bons.

Durante o show, conheci Franklin Ferreira, primo do Tocha. Ele me explicou que o primo não está mais tocando apenas brega funk – agora Tocha está num projeto cantando “brega brega”. Em outras palavras, ele não quer focar em um só gênero, mas também interpretar canções românticas e de outras vertentes do movimento.

Passei o show em frente ao palco, cantando junto algumas canções que eu ainda me lembrava e também aproveitando para interagir. Entreguei o meu celular para o Tocha e fizemos uma selfie – que não foi parar nos meus Stories, mas no chat de alguns amigos e do meu esposo, que imediatamente me responderam rindo. Naquela noite, eu estava me permitindo e curtindo ao máximo aquele momento.

A cada subida ao mezanino, notava que a atmosfera do camarote mudava. O chão estava cheio de poças de bebidas derramadas. Quem estava com sandália rasteira ou havaianas ficou com os pés todos molhados, o que não era nenhum problema, já que estava todo mundo feliz, descendo até o chão, rebolando com a mão nos pés e *baratinando* (curtindo) muito. Errados não estavam, pois o bom é curtir mesmo. Só tínhamos que andar com cuidado para não escorregar no povo, nem pisar em latas, garrafas e copos caídos no chão.

Por lá, tinham os mais variados estilos e visuais. Os *galerosos* (exibiam suas becas completas, no estilo bem *escamoso* (pomposo)). Outros estavam montados no kit, ou seja, ostentando roupas de marca, várias correntes de prata, ouro, cravejadas com algumas pedras. As *boyzinhas* desfilavam vestidos coladinhos, shorts curtos e



croppeds, completando os looks com salto alto ou sandálias rasteiras – que no final da noite já estavam descalças mesmo.

Desci para curtir o show de Troinha e mais uma vez fiquei em frente ao palco. “*É o Troinha, carai!*”, gritou ele antes de entrar no palco, logo depois das bailarinas. Tróia é acompanhado por uma banda composta por um DJ e dois percussionistas, que marcavam a batida que tornou o MC conhecido. O show foi recheado de hits e me fez viajar de volta aos tempos em que ainda morava aqui em Recife, quando curti as calouradas da Federal com meus amigos da Geografia e do Instituto Federal. Foi ali que me entreguei aos hits que me eram tão familiares.

MC Troia interagiu bem com o público, tirando onda e também convidando os fãs para dançarem em cima do palco – um show à parte, que rendeu muitos aplausos para os anônimos que mostraram seu gingado. Nesse momento, agradei a meu orientador pela sugestão, pois me lembrei que esse era um show que eu sempre quis ir e até então nunca tinha feito isso acontecer. Só senti falta de palavras de despedida, já que o artista saiu correndo do palco.

Cantei, dancei, interagi, me diverti demais e tive ainda mais certeza dos motivos que me levaram a escolher o brega funk como tema deste livro-reportagem. O envolvimento das pessoas com a música, com o estilo da dança, com a liberdade de vestir a roupa que quiser, com a vontade de estar lá para viver aquele momento. A sedução, o ritmo, cada um expressando sua vontade de viver, de rebolar, de fazer a festa acontecer.

O mais importante foi perceber que cada um tinha a sua vibe e todos estavam ali para baratinar, porque brega funk é isso: paquera, música boa e curtição.

O serviço do open bar parou às 04:30 da manhã. Ficamos um pouco mais, tomei meu caldinho de feijão preto, vimos os primeiros raios de sol surgindo na praia de Piedade, enquanto entrávamos no Uber para voltar para casa.

CAPÍTULO

# 01



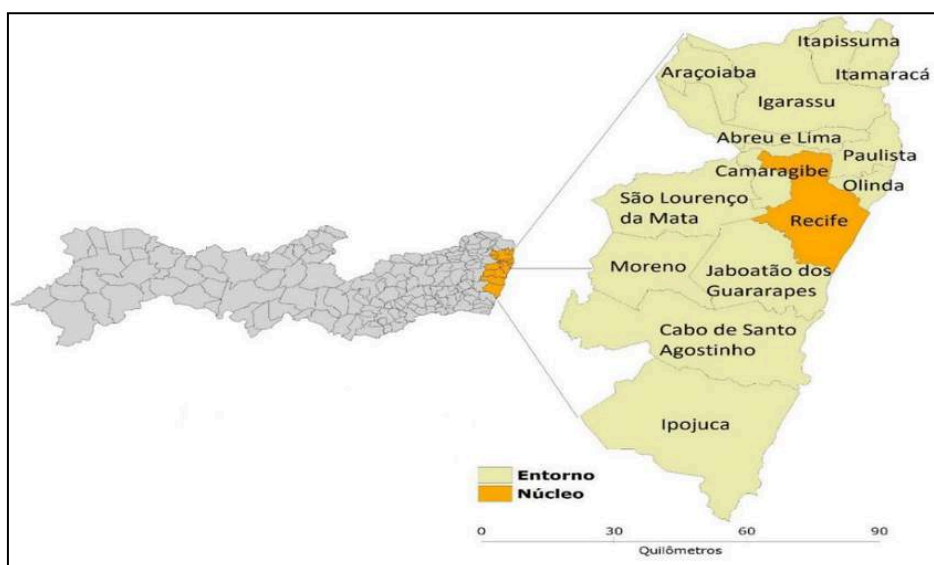
## UM PASSEIO PELA HISTÓRIA DO BREGA RECIFENSE

**Hey, vem cá que quero te mostrar, a minha cidade, o meu lugar**

A música brega, multifacetada e diversa, pode ser definida de várias maneiras. Sua estética varia, assim como suas origens, dependendo do contexto geográfico em que se manifesta. O termo “brega” ou “cafona” começou a ser usado para categorizar músicas consideradas de valor menor ou menos nobres. Esse conceito foi adotado pela burguesia cultural, que ainda hoje classifica músicas e estilos de acordo com padrões estabelecidos pela chamada “elite”. Por aqui, vamos olhar para outros significados, ressaltando sua potência.

Nesta reportagem, focaremos na cidade do Recife e sua Região Metropolitana, como ilustrado na imagem abaixo. A Região Metropolitana do Recife (RMR), ou Grande Recife, é composta por 14 municípios. É importante ressaltar que existem outros tipos de brega em outros territórios do país e que são igualmente relevantes. Manifestações culturais de diversos povos, que também se enquadram como tipos de brega, também merecem reconhecimento por sua diversidade musical, cultural e estética, e pelas suas influências e sonoridades.

Localização dos municípios que compõem a Região Metropolitana do Recife



Créditos: Sidrim e Fusco, 2019

Como mulher nordestina vivendo em São Paulo, sempre senti a necessidade de destacar e nomear os fenômenos culturais que ocorrem em outras regiões do Brasil, para além da Região Sudeste. A Região Nordeste, composta por nove estados ricos e diversos em vários aspectos, inclusive culturais, muitas vezes é tratada de forma homogênea. Por isso, neste trabalho, esforçamo-nos para espacializar os fenômenos e mostrar a origem das pessoas e suas vozes.

As entrevistas, citações e referências deste trabalho são principalmente provenientes da Região Metropolitana do Recife e, especialmente, da microrregião do Recife, composta por oito municípios que fazem parte do primeiro raio de influência direta da capital pernambucana, sendo eles: Recife, Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Camaragibe, São Lourenço da Mata, Paulista, Abreu e Lima e Moreno. Portanto, ao mencionar “Recife” ao longo das próximas páginas, estarei também pontuando sobre o Grande Recife.

A ideia de periferia no Recife está mais relacionada à distância social do que geográfica. Em qualquer ponto da cidade, é possível encontrar comunidades em um raio menor que dois quilômetros. Essa proximidade geográfica entre as áreas ricas e áreas pobres não se traduz em benefícios e estruturas iguais para essas áreas. Muito pelo contrário, reforça e escancara essas desigualdades, mostrando que a distribuição desigual de recursos e serviços urbanos está diretamente ligada à estrutura social.

A música brega possui uma conexão íntima e significativa com as periferias do Recife. Surgida nas áreas mais desfavorecidas dos grandes centros urbanos, o gênero é uma manifestação cultural que espelha as vivências e realidades diárias dos moradores – como também os preconceitos.

No Recife, o brega está presente tanto nos espaços públicos quanto nos privados, moldando e expressando a mentalidade social e individual das pessoas que frequentam esses ambientes. A proximidade geográfica entre periferia e centro na cidade facilita a disseminação do brega, tornando-o uma trilha sonora constante na vida dos recifenses.

Além disso, o brega funciona como uma narrativa das experiências das pessoas das periferias, criando um vínculo de identidade entre quem produz e quem



consome essa música. Portanto, o brega não é apenas um gênero musical, mas também um discurso reivindicativo que emerge das vivências cotidianas da população periférica.

O brega é um estilo musical forte em Pernambuco, com várias vertentes que surgiram ao longo do tempo. Neste capítulo, vamos explorar essa longa e rica história.

### **Garçom... preste atenção, por favor**

No cenário nacional, as melodias românticas de Waldick Soriano, Nelson Gonçalves e Agnaldo Timóteo, por exemplo, foram pioneiras no movimento que mais tarde ficou conhecido como música brega. Primeiro, o ritmo musical foi tachado como “música cafona”. Estas denominações foram dadas de forma jocosa para essas canções populares. São canções que falam de amor, traição, ultra-romantismo e que não são consideradas de tão “alta qualidade” quanto a MPB, Bossa Nova e Jovem Guarda, por exemplo, que eram compostas, produzidas e consumidas pela elite financeira e musical da época.

Em Pernambuco, o trabalho de Reginaldo Rossi, até hoje considerado o Rei do Brega, merece destaque. O brega recifense é visto como o cancionero romântico, conforme definido pelo professor Thiago Soares, autor do livro “Ninguém é perfeito e a vida é assim: a música brega em Pernambuco” (2017). Esse livro se tornou uma referência pela extensa e densa pesquisa feita pelo professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco.

Diante da escassez de arquivos e registros sobre a música brega em Pernambuco, Thiago Soares propõe traçar eixos estéticos que sintetizem momentos ou movimentos deste gênero musical ao longo de mais de 50 anos, entre 1966 e 2017. Ele reconhece a dificuldade de encaixar estéticas dentro de uma norma devido às generalizações e associações arbitrárias, e inicialmente considera uma abordagem histórica, mas descarta essa ideia por achar pouco sedutora, já que a história do brega, como qualquer fenômeno cultural, não é linear.

Soares então testa uma perspectiva geracional, analisando como diferentes gerações de músicos pernambucanos se apropriaram e negociaram com o gênero. No entanto, ele se depara com uma discrepância temporal que o incomoda: a diferença de quase 30 anos entre a “primeira geração” do brega, representada por Reginaldo Rossi, e a “segunda geração”, marcada por Michelle Melo, é muito grande. Em contraste, a “segunda geração” e a “terceira geração” (composta por MCs como MC Sheldon, MC Cego e Troinha) coexistem temporalmente.

Essa assimetria leva Thiago a abandonar a ideia de uma abordagem geracional e adotar uma delimitação de “eixos estéticos”, que combinam temáticas, arranjos e dimensões performáticas, para tratar de uma categorização da música brega em Pernambuco.

- O primeiro eixo estético é uma **configuração performática centrada no homem galanteador, na voz masculina e heterossexual**, muito vinculado à Jovem Guarda e à seresta. Parte da oscilação dessas performances se manifesta entre a imagem do homem dócil nas canções e a do sujeito sexualizado, em uma ação de cortejar as mulheres nas narrativas das músicas. Essas músicas circulavam nas rádios populares e programas de televisão, sobretudo “A Hora do Chau”, com Jorge Chau, “Programa Paulo Marques” e toda a linhagem de programas de auditório da TV pernambucana.
- O segundo eixo estético é **marcado pela performance feminina**, em resposta aos cortejos masculinos. Vozes femininas negociam com o histórico de galanteios nos espaços de sedução e flerte, encenando matrizes do amor romântico, questionando e cedendo aos apelos masculinos. A canção “Amor de Rapariga”, interpretada por Palas Pinho da Banda Ovelha Negra, em 2001, é o marco desse eixo. Outras artistas importantes são Michelle Melo, Banda Metade, Brega.com, Musa do Calypso e Kitara.

- O terceiro eixo estético do brega pernambucano é **marcado pela performance provocadora e sexualizada do homem**, influenciada pelo funk e ídolos pop. Artistas como MC Sheldon, MC Leozinho, Boco, GG, Menor e Troinha exemplificam esse eixo. A faixa “Novinha Tá Querendo o Quê?”, dos MCs Metal e Cego, destaca-se como epicentro discursivo, abordando temas de interesse, sedução e sexualidade. O brega funk adota uma perspectiva mais nacional, destacando-se pela jovialidade. A manifestação corporal desse estilo é o chamado “passinho dos maloka”, sincronizado com as batidas do brega funk. As canções abordam temas como sexualidade, paquera e ato sexual. O consumo do brega funk está fortemente ligado ao digital e às redes sociais, sendo produzido para viralizar. Nesse eixo estético, o brega é racializado, como acrescenta Soares na segunda edição do livro, em 2021.

# Eixos Estéticos do **BREGA**

*Segundo Thiago Soares, 2021*



**BREGA MASCULINO**

**Performance** centrada na **voz masculina e heterossexual**, oscilando entre a imagem do homem dócil e a do sujeito sexualizado que corteja mulheres nas músicas. As canções “Garçom” e “Raposa e as uvas” são marcos. **Reginaldo Rossi, Adilson Ramos, Conde (Banda Só Brega) Nino (Banda Labaredas)** são exemplos do primeiro eixo.



**BREGA FEMININO**

**Vozes femininas respondem** aos cortejos masculinos, negociando com o **histórico de galanteios dos homens**. Artistas como **Michelle Melo, Palas Pinho, Brega.com, e Banda Metarde** encenam matrizes do amor romântico, questionando e cedendo aos apelos masculinos. A música “Amor de Rapariga” é o marco desse eixo



**BREGA JOVEM**

**Apelo jovem**, performance provocadora e sexualizada, **influenciada pelo funk** e ídolos pop. Manifestação corporal: **passinho dos maloka**. Temas das canções: sexualidade, paquera e ato sexual. **Consumo ligado ao digital** e redes sociais, produzido **para viralizar**. **MC Leozinho do Recife, MC Sheldon, Troinha, Shevchenko e Elloco, MC Loma e Rayssa Dias** são alguns expoentes. O hit “Novinha Tá Querendo o Que?”, dos MCs Metal e Cego é o marco discursivo esse eixo





Seja dividido em eixos estéticos ou tudo junto e misturado, o brega é a música Pop pernambucana. Os artistas trazem para si e adaptam as referências nacionais, internacionais e as inserem no contexto local, com as expressões e identidades pernambucanas. O homem galanteador do primeiro eixo remete ao romantismo e à Jovem Guarda. As mulheres, ora cândidas e inocentes, ora avassaladoras, são as nossas Divas Pop. Os MCs, num primeiro momento, incorporam o jeito bad boy como rappers americanos, com cordão de ouro, carrão e roupas de grife. Há referências externas, com incorporação de elementos e narração de situações do cotidiano recifense.

Abaixo, podemos ver alguns trechos da música “PM do Amor”, da banda “Chama do Brega”. Apesar da música ser uma homenagem aos policiais militares, ela sintetiza os significados do que o brega é.

#### Chama do Brega - PM do Amor

(...)  
*A minha mulher  
 É da polícia feminina  
 Quando ela escuta o brega  
 Começa e não termina, porque:  
 Lá na casa da minha mulher  
 Todo mundo é brega  
 A cor do seu carro é brega  
 A cor do seu batom é brega  
 A cor do seu vestido é brega  
 Até o seu perfume é brega  
 A cor do seu carro é brega  
 A cor do seu batom é brega  
 A cor do seu vestido é brega  
 Até o seu perfume é brega*  
 (...)  
*Até lá no quartel  
 O meu comandante é brega  
 Até lá no quartel  
 O meu comandante é brega  
 A cor do seu carro é brega...*

Para os amantes da música brega, brega não se sintetiza com palavras, é um adjetivo múltiplo, podendo caracterizar muitas coisas concretas e abstratas. Ao definir algo como “brega”, a interpretação do significado depende de qual ótica se põe sobre o movimento.

## O modelo de negócio

Para acharmos modelos de negócios dentro de uma lógica periférica, é necessário partirmos do princípio de que a música produzida em contextos periféricos não segue uma série de pressupostos que são impostos pela indústria fonográfica e pelo mercado formal.

Antes da midiatização através da internet, o modelo de negócio do brega recifense era baseado principalmente no retorno financeiro obtido através de shows ao vivo. As apresentações são organizadas por produtoras que desenvolvem estratégias de venda de espetáculos, produção de videoclipes e gravação de canções. Esses shows ocorrem em casas noturnas com agendas fixas ou em eventos específicos. A venda de CDs e DVDs e o pagamento por serviços de streaming são menos comuns, com fãs preferindo acessar músicas gratuitamente em blogs e sites de compartilhamento.

Para se destacarem e serem convidados a se apresentar nas casas noturnas, os artistas do brega recifense dependem da pirataria como uma forma eficiente de circulação musical. DJs e blogueiros organizam coletâneas musicais com potenciais hits, que são comercializadas por ambulantes ou baixadas gratuitamente na internet. Esse modelo de negócio se assemelha ao tecnobrega de Belém do Pará, onde a pirataria também é uma prática comum.

A música brega produzida nas periferias de Recife desafia os pressupostos da indústria fonográfica e do mercado formal de música, especialmente no que diz respeito aos direitos autorais. A busca pelo retorno financeiro é essencial para a longevidade das casas noturnas, bandas e eventos, destacando a importância de compreender as lógicas econômicas que envolvem as cenas musicais populares.

Sempre foi muito comum, por exemplo, encontrar versões em brega de músicas internacionais. Sim, versão e não tradução. Nesse caso, os artistas utilizam a sonoridade da música gringa e, em cima da batida, criam uma nova música com uma letra totalmente alheia à original. São inúmeras versões, mas destaco “Só dá tu”, da Banda Favorita. Composta por Elvis Pires, a canção é uma versão de “I Got

You”, da cantora norte-americana Bebe Rexha. Ao vir para o Brasil, a cantora entrou na “brincadeira” e no seu show cantou o refrão da versão recifense<sup>1</sup>.

De qualquer modo, essa lógica de depender exclusivamente dos shows vem mudando ao longo dos anos. Muitos artistas compartilham suas vidas nas redes sociais e também vivem da produção de conteúdo. Esse fenômeno é muito presente na cena brega funk, o recorte principal deste livro.

Em conversa com o jornalista Emmanuel Bento, que acompanha de perto a cena musical recifense, ele traça um panorama de como é o modelo de negócio atualmente. “O modelo de negócio do brega recifense é estruturado por produtoras que fazem a ponte entre artistas, estúdios e plataformas de distribuição musical, como a ONErpm, que possui um escritório em Recife”, contextualiza. Essas produtoras também cuidam da organização de shows, que ocorrem em casas de festa, eventos nas periferias e em locais frequentados pela classe média. Emmanuel Bento reforça que as festas são o principal meio de apresentação dos artistas de brega funk em Recife, ao contrário de regiões como Rio de Janeiro e Pará, com seus modelos específicos de bailes.

Segundo Bento, os artistas geralmente têm empresários que facilitam essas conexões, mas enfrentam a limitação de atuar em uma cena local relativamente pequena. O ecossistema do brega recifense envolve produtoras, empresas de distribuição de música e contratantes de shows, com um destaque crescente para o mercado de influência digital nos últimos anos. Muitos MCs, dançarinos e influenciadores, incluindo humoristas, obtêm uma parte significativa de sua renda através do mercado de influência, além de parcerias com jogos de apostas online.

---

<sup>1</sup> Diário de Pernambuco. Cantora original da música que inspirou 'Só da Tu' adere à versão chiclete. 2017. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2017/09/cantora-original-da-musica-que-inspiro-u-so-da-tu-adere-a-versao-chicle.html>>. Acesso em: 23/05/2024

### ***“Tu és de onde?” : O papel dos programas de auditório e da internet***

Os programas de auditório desempenharam um papel fundamental na popularização do brega recifense, especialmente durante a primeira década dos anos 2000. Esses programas ajudaram a disseminar as músicas brega para um público mais amplo, fazendo com que o gênero se tornasse parte do cotidiano dos telespectadores. A presença constante do brega nos programas de auditório da TV contribuiu para a aceitação e valorização do gênero, permitindo que ele alcançasse diferentes camadas sociais e se consolidasse como uma manifestação cultural importante em Recife.

Os artistas de brega ocupavam majoritariamente o tempo desses programas. As filiais do SBT, Record e Bandeirantes tinham seus programas de auditório, que passavam por volta das 13 horas, depois do jornal local. O Tribuna Show, comandado por Denny Oliveira, foi líder em audiência durante muitos anos.

Como fiel espectadora, lembro-me das propagandas, das interações com o auditório e também da presença constante da Banda Calypso, com Joelma e Chimbinha. Ao sair do Pará, a banda fixou residência no Recife, com o intuito de expandir o mercado para o Nordeste. Recordo também a primeira vez que Joelma e Chimbinha se apresentaram num programa de alcance nacional, no Programa do Raul Gil, na Record. Na semana seguinte, o Tribuna Show dedicou um programa completo para reexibir trechos e conversar com Joelma sobre aquela experiência.

Acima de tudo, os programas de auditório proporcionaram uma plataforma para os artistas de brega se apresentarem e ganharem visibilidade. Isso foi crucial para o crescimento e a sustentabilidade do gênero, pois permitiu que os músicos alcançassem um público maior e diversificado. Além disso, a exposição na TV ajudou a legitimar o brega como um gênero musical relevante e influente, fortalecendo sua presença na cultura popular recifense.

Agora, a internet tem um papel essencial na promoção e distribuição do brega no Recife, permitindo que as músicas alcancem um público mais amplo e diversificado. No primeiro momento, a internet era essencial para o compartilhamento e download gratuito das músicas, através de blogues e do



4shared. Com a ampliação do acesso, o uso de redes sociais como Orkut, Facebook e depois Instagram e TikTok aproximaram os artistas e o público. Através de canais no YouTube, a produção de clipes começou a ganhar destaque e o hit passou a ser lançado juntamente com o clipe.

Foi assim que, em 2018, o vídeo amador de “Envolvimento”, de MC Loma e as Gêmeas Lacração<sup>2</sup>, ganhou as paradas de sucesso do Brasil, virou hit do carnaval e nacionalizou o brega funk – tema que abordaremos novamente mais à frente.

O professor de Geografia Túlio Felipe também pesquisou esse fenômeno em sua dissertação, intitulada “O ritmo brega funk e a sua espacialização: um estudo a partir da comunidade do Alto José do Pinho, Recife (PE)”. Em uma entrevista, ele destaca a importância cibernética para a disseminação do brega funk. Nas redes sociais, compartilhar as músicas e lançar coreografias faz com que as canções viralizem.

O contexto digital está cada vez mais atrelado ao ritmo, seja para divulgar novas canções e fazer publicidade, quanto para manter vivo na memória os que se foram. Esse é o caso do perfil no Instagram dedicado ao Rei Reginaldo Rossi<sup>3</sup>, que é alimentado até hoje e interage com fãs para manter vivo o legado do Rei do Brega, que nos deixou em dezembro de 2013.

---

<sup>2</sup> MC Loma e as Gêmeas Lacração. Envolvimento | Clipe Oficial. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pOpyq-T4fnQ>>. Acesso em: 10/01/2024

<sup>3</sup> TAVARES, Vitor. Vivos nos corações e na internet: como artistas que já morreram seguem 'postando' nas redes sociais. BBC 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-50680631>>. Acesso em: 23/05/2024

CAPÍTULO

# 02



## O BREGA E AS FORÇAS POLÍTICAS

### “Quando tua opinião for um brega, eu escuto”: a questão do patrimônio

Ter um gosto musical refinado não é para todos, certo? É o que alguns pensam e, naturalmente, ouvir “música de pobre” parece distanciar-se do que é considerado bom gosto. Passei a maior parte da minha vida no Ibura de Baixo, um bairro periférico do Recife, onde o brega sempre esteve presente no som dos vizinhos, na radiola de casa, nas festas e em todos os lugares por onde passei.

De forma subliminar – ou nem tão subliminar assim – tentamos entender como as pessoas são e vivem ao perguntar: “De onde você é? Onde você mora?”. Morar no Ibura, um dos bairros mais pobres e perigosos do Recife, não era bem visto. Durante grande parte da minha vida, esforcei-me para mostrar que não pertencia àquele lugar e que ele não me definia. Isso incluía, é claro, buscar “boas referências culturais” e me distanciar daquilo que estava presente no meu cotidiano.

Na época, cantores de brega jamais entravam na minha playlist e não fazia exceção nem para o Rei Reginaldo Rossi. Buscava mostrar que minhas referências e vivências estavam conectadas aos programas da MTV e bem distantes dos programas policiais que passavam na hora do almoço e do jantar. Além de que, óbvio, quando eu respondia que era do Ibura, as pessoas faziam “pei pei”, remetendo ao som de tiros – assim como faz a personagem Cinderela, do humorista Jeison Wallace, ao perguntar aos entrevistados de onde eles são.

A “educação formal” também era meu escudo contra esses estigmas e preconceitos que eu, além de sofrer, também reproduzia. Foi através dos estudos que comecei a acessar espaços como o Instituto Federal de Pernambuco e a Universidade Federal de Pernambuco, que foram meu lar durante 12 anos. Ao mesmo tempo, ao lado dos meus amigos, eu desfrutava do brega que tanto criticava na minha família e comunidade.

Ao ler o livro “O espaço do cidadão”, de Milton Santos, consegui expandir e ter noção de pontos que durante toda a minha vida me incomodavam: “ser do Ibura”

e tentar me desvencilhar de todos os estereótipos de lá, inclusive nas minhas escolhas musicais. Como moradores do espaço urbano, somos considerados mais ou menos cidadãos dependendo do ponto do território onde estamos (Santos, 1997, p. 81)<sup>4</sup>.

## **Pernambuco, Nação Cultural**

O estado de Pernambuco é conhecido nacional e internacionalmente por suas manifestações culturais. No site do governo do estado, frevo, maracatu, baião, coco,, são colocados como ritmos genuínos do estado de Pernambuco e presentes nas principais festas populares que acontecem durante o ano, como o carnaval e as festas juninas.

Luiz Gonzaga, Rei do Baião, é nosso. Capiba, Alceu Valença, Geraldo Azevedo, Doutora Lia de Itamaracá e sua ciranda de roda, Dona Selma do Coco, o imortal Naná Vasconcelos, Dominginhos, Mestre Salustiano, Antônio Nóbrega, Lenine, Chico Science, Nação Zumbi... pernambucano é bairrista, e como tal, poderia passar as próximas páginas citando vários artistas da Terra dos Altos Coqueiros.

Em uma breve pesquisa nos sites de busca, procure por “*quais os gêneros musicais de Pernambuco?*” ou “*quais ritmos típicos de Pernambuco?*”. Frevo, maracatu, baião, coco vão ser as respostas facilmente encontradas. A página da Apple Music tem até uma playlist chamada “O som de Pernambuco”<sup>5</sup>, que na descrição diz que “*essa playlist reúne alguns dos nomes que mantêm a boa reputação da região*”.

Continuando a busca, essas respostas também são encontradas na página oficial da Prefeitura do Recife. A página temática “Cultura”<sup>6</sup> elenca manifestações

---

<sup>4</sup> SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. São Paulo: Edusp, 1997.

<sup>5</sup> APPLE MUSIC. O som de Pernambuco. Disponível em: <<https://music.apple.com/br/playlist/o-som-de-pernambuco/pl.0c7d0565460a470c8d9418f4cc8d8bd1>> Acesso em: 23/05/2024

<sup>6</sup> PREFEITURA DO RECIFE. Cultura. Disponível em: <<https://www2.recife.pe.gov.br/pagina/cultura#:~:text=Maracatu%2C%20caboclinhos%2C%20coco%2Dde,destaque%20ao%20Bairro%20de%20Recife>> Acesso em: 23/05/2024

culturais da capital pernambucana, como os festejos do Carnaval e seus ritmos, o ciclo junino, festas religiosas, ciclo natalino, culinária, artesanato, música, dança e teatro. No entanto, em nenhum momento o texto cita ou faz referência ao brega.

O professor Thiago Soares faz uma longa discussão sobre o que é considerado “música de qualidade”. A música cânone é geralmente reconhecida como as obras mais importantes dentro de uma tradição específica, representando a “qualidade” e expressando valores universais. No entanto, a formação do cânone é um processo social que envolve consenso e é influenciado por quem o elege, muitas vezes refletindo as relações de poder dentro da sociedade.

O cânone pode excluir grupos subordinados e não reconhecer estéticas dissonantes das hegemônicas, “como as produzidas por não brancos, por minorias, gays, pobres, entre outros” (Soares, 2021 p.49)<sup>7</sup>. Portanto, a música cânone é um conceito complexo que abrange aspectos de valor, autoridade, institucionalização e poder, e está sujeito a contestação, debate e revisão.

O brega, como um gênero musical popular, desafia o conceito tradicional de cânone de várias maneiras. Primeiro, ele se origina e é popularizado fora das instituições tradicionais que geralmente estabelecem o cânone, como academias de música ou grandes gravadoras. Em vez disso, o brega cresce nas comunidades, nos bairros e nas ruas, refletindo as experiências e emoções do cotidiano das pessoas.

Além disso, o gênero muitas vezes não se encaixa nas noções convencionais de “qualidade” ou “arte elevada” que são frequentemente associadas ao cânone. A estética, temas e estilos do brega podem ser vistos como excessivamente sentimentais, dramáticos ou populares para alguns. Contudo, é precisamente essa autenticidade e conexão direta com a experiência humana que lhe confere um valor cultural significativo.

O brega também desafia o cânone ao questionar quem tem o poder de definir o que é “boa música”. Ao ganhar popularidade e reconhecimento, ele desafia as hierarquias existentes e abre espaço para vozes e experiências que muitas vezes são marginalizadas ou ignoradas no cânone tradicional.

---

<sup>7</sup> Soares, Thiago. **"Ninguém é perfeito e a vida é assim"**: a música brega em Pernambuco [livro eletrônico] : a música brega em Pernambuco / Thiago Soares ; [ensaio fotográfico Chico Ludermitz]. – 2. ed. -- Recife : Carlos Gomes de Oliveira Filho, 2021.

A professora Jaciara Gomes, linguista e doutora em Letras, também questiona essas categorizações que são impostas. A pesquisadora exemplifica que muitas vezes a “qualidade” e reconhecimento são classificados de acordo com quem interpreta, ou seja, uma música pode ser vista com outros olhos ao ser cantada por um cantor de brega – assunto que vamos debater mais adiante.

Num contexto mais atual, reflito sobre os dois álbuns “Batidão Tropical”, volumes 1 e 2, em que Pablo Vittar revisita e repagina músicas bregas. Ouvi muitas dessas canções durante minha infância e adolescência nos programas de auditório e rádios recifenses.

Com o projeto de Pablo, a música “Ânsia”, cantada originalmente por Eliza Mell e a Banda Brega.com, ganha uma nova roupagem e muitas reproduções na voz da renomada drag maranhense. Embora o brega possa não se encaixar no conceito tradicional de cânone, ele certamente desafia e expande esse conceito, mostrando que a “boa música” pode vir de qualquer lugar e refletir uma ampla gama de experiências humanas.

Sobre a duplicidade de sentido nas músicas brasileiras, Jaciara aponta que não é um fato recente, nem mesmo parte de um gênero musical específico. Ela pontua que essa estratégia linguística só se transforma em polêmica ou caso de polícia dependendo de como essa canção é construída, quem é o locutor da mensagem (intérprete) e quem será o interlocutor (mercado consumidor).

Em seu livro “Do Recife para o mundo: os significados do (brega) funk pernambucano”<sup>8</sup>, publicado em 2021 pela editora Pimenta Cultural, a professora relembra o caso em que os MCs Sheldon e Boco foram intimados pelo Ministério Público de Pernambuco. Na época, os artistas estavam sob suspeita de promoverem pedofilia. Eles precisaram explicar o uso da gíria “novinha” em suas letras, principalmente pela canção “Se eu mato eu vou preso”. Neste hit, eles cantam *“Se eu mato eu vou preso/ Se eu roubo eu vou preso/ Se é pra pegar novinha eu vou preso e satisfeito*.

A professora faz um paralelo que, na mesma época, não houve nenhum chamado por parte da Justiça para que o cantor sertanejo Michel Teló desse

---

<sup>8</sup> GOMES, Jaciara. “Do Recife para o mundo”: os significados do (brega) funk pernambucano. Jaciara Gomes. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 277p.



explicações sobre a canção internacionalmente conhecida “Ai se eu te pego”, em que ele usa *“Delícia, delícia, assim você me mata/ Ai se eu te pego, ai ai se eu te pego/ Sábado na balada/ A galera começou a dançar/ E passou a menina mais linda/ Tomei coragem e comecei a falar”*. Nos dois exemplos trazidos pela pesquisadora, as duas letras utilizam o termo “pegar” no sentido de “se pegar”, de um envolvimento íntimo, além de “novinha” e “menina”.

Em seu livro, que é uma revisita e atualização da sua tese de doutorado “Tudo junto e misturado: violência, sexualidade e muito mais nos significados do funk pernambucano”, defendida em 2013, a professora da Universidade de Pernambuco faz Análise Crítica do Discurso de algumas canções do brega funk recifense. Dentre várias importantes reflexões e análises apresentadas, Jaciara aponta e mostra vários casos de preconceito “velado” ao gênero musical, tornando mais evidente a existência de conflitos sociais.

Destaco, também, a preciosa reportagem “Por que a música da favela é chamada de periférica?”, escrita por GG Albuquerque para o Portal Embrazado. A reportagem já inicia com o questionamento *“Se o funk, que é o gênero musical brasileiro mais ouvido no exterior, é considerado de periferia, qual seria o centro então?”*. Na reportagem, o termo “periferizado” é utilizado para descrever a música originária das favelas e outras áreas marginalizadas, não por uma característica intrínseca da música em si, mas devido aos processos estruturais de poder e violência que empurram as populações negras e pobres para as margens da sociedade. A música, como o (brega) funk, torna-se “periferizada” quando os criadores e suas expressões artísticas são sistematicamente marginalizados e confinados a um status inferiorizado pela crítica cultural dominada pelo racismo e classismo. Assim, o uso do termo “periferizado” “busca salientar as origens, condições históricas e dinâmicas sociais dessas culturas, frequentemente apagadas ou desvalorizadas, e reafirmar a luta de classes e o poder que permeiam as dinâmicas culturais”<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> ALBUQUERQUE, GG. Por que a música da favela é chamada de periférica?. Embrazado, 07 abr. 2021. Disponível em: <<https://embrazado.com.br/2021/04/07/por-que-a-musica-da-favela-e-chamada-de-periferica>> . Acesso em: 25 maio 2024

## Nesta festa, o brega não foi convidado

Discutir sobre o que é ou não música de qualidade vai muito além de um suposto bom gosto. Essa problematização é necessária porque ela não é apenas um sentimento subjetivo, mas algo que reverbera nas políticas públicas. Durante muito tempo, o brega foi proibido de se apresentar nas principais festas populares do Estado de Pernambuco. “Proibição” pode soar com uma palavra muito forte. Talvez possamos suavizar a situação, dizendo apenas que o ritmo ficava de fora dos principais editais, gerando indignação.

Um caso emblemático foi a exclusão explícita da música brega da participação no processo de contratação de uma das festas mais tradicionais do país, o Carnaval de Pernambuco de 2017. O edital causou revolta<sup>10</sup> nos artistas que fazem música brega e deu prejuízo para inúmeras bandas, MCs e todos os segmentos que compõem a cadeia de produção do brega. Na época, muitos artistas manifestaram seu descontentamento<sup>11</sup>, como a cantora Michelle Melo, considerada a Rainha do Brega Recifense.

Em entrevista ao programa Trends Social1, da TV Jornal do Commercio, a artista afirmou que o brega é cultura e mostrou sua indignação com a exclusão do ritmo, embora a artista paraense de tecnobrega Gaby Amarantos estivesse na programação para se apresentar. “Queria deixar bem claro que vai ter brega no Carnaval, sim. Gaby Amarantos, uma guerreira e digna de tudo o que conquistou, a rainha do tecnobrega, está na grade. Então por que a rainha do brega pernambucano não pode tocar?”, contestou Michelle.

---

<sup>10</sup> PERNAMBUCO. Secretaria de Cultura. \*\*Convocatória Ciclo Carnavalesco 2017\*\*. Recife: Secretaria de Cultura de Pernambuco, 2016. Disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/Convocatoria-Ciclo-Carnavalesco-2017.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2024.

<sup>11</sup> PIRES, Anneliese. Michelle Melo desabafa sobre convocatória do governo de Pernambuco para o Carnaval 2017: brega é cultura sim. NE10, 16 fev. 2017. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2017/02/16/michelle-melo-desabafa-sobre-convocatoria-do-governo-de-pernambuco-para-o-carnaval-2017-brega-e-cultura-sim/index.html>. Acesso em: 06 abr. 2024.

Trecho do edital em que gêneros como o brega são explicitamente excluídos.

### **3.1.3. ORQUESTRAS DE FREVO (Palco ou Cortejo).**

**3.1.4. MÚSICA POPULAR BRASILEIRA (Palco):** Artistas e grupos de MPB, Axé, Pop Rock Nacional, Pop e de Forró, desde que, para esta última categoria, ligados à tradição junina ou que tenham a tradição junina como fonte de pesquisa no trabalho a ser apresentado.

**Parágrafo Único.** Para efeito desta Convocatória, não se enquadram nas categorias descritas acima os seguintes gêneros musicais: Forró Eletrônico, Forró Estilizado, Brega, Swingueira, Arrocha, Funk, Sertanejo e Pagode Estilizado.

Outro desmembramento da discussão é a questão do patrimônio. O professor de História Frederico Neto explica que patrimônio é uma construção política, cultural e histórica que não se limita ao passado, mas é constantemente ressignificado de acordo com a sociedade em seu tempo. Ele é uma maneira de viver as rupturas, reconhecê-las e reduzi-las, referindo-se a elas, elegendo-as e produzindo simbolismos. No entanto, o patrimônio pode marginalizar grupos e suas práticas culturais diversas por não se encaixarem dentro de um padrão branco e eurocêntrico.

Fred pontua que as comunidades da RMR são os locais de produção do brega, onde os jovens buscam no ritmo uma forma de mudar a sua trajetória de vida, conseguir ascensão social, trabalhar com a música e, através do gênero, enxergar possibilidades que podem ser trilhadas. Para ele, a medida do Estado em barrar o gênero musical popular – como aconteceu no Carnaval de 2017 – também reproduz um racismo institucional contra o povo negro.

Em 2017, o então deputado Edilson Silva, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), propôs o projeto de lei 16.044/2017 na Assembleia Legislativa do Estado (ALEPE) reconhecendo o brega como uma expressão cultural genuinamente pernambucana. Esta medida, uma resposta à “postura discriminatória do Governo”, permitiu que o brega, antes restrito a clubes privados e casas de shows, ganhasse representatividade em eventos oficiais do Estado. Isso ficou evidente com o show de Priscila Senna na abertura do Carnaval de 2020, além da presença do gênero em polos descentralizados durante o Carnaval, São João e Natal. Fred Neto, pesquisador do brega recifense, afirma que a inclusão do brega demonstra a importância do Estado no financiamento e divulgação da cultura local, contribuindo para o desenvolvimento econômico de Pernambuco.

## Uma lei para reconhecer, outra para proibir

Embora o reconhecimento do Brega como expressão cultural do estado de Pernambuco seja uma vitória, é necessário que outras pastas também sejam orientadas sobre os direitos dos cidadãos. Em 2019, a tensão entre as camadas mais conservadoras e o “passinho dos malokas” – dança típica do brega funk – aumentou devido a alguns acontecimentos ao longo do ano.

Em fevereiro de 2019, o site Marco Zero Conteúdo publicou uma reportagem intitulada “Passinho: racismo policial reprime encontros e já faz a primeira vítima”.<sup>12</sup> Com nomes trocados, a jornalista Mariama Correia aborda a repressão policial aos encontros de “Passinho”, no Recife. A matéria relata o caso de Gustavo, um jovem de 18 anos que foi atingido no olho por uma bala de borracha disparada por um policial. O caso aconteceu durante um encontro de “Passinho” na Praça da Avenida do Forte, bairro dos Torrões, Zona Oeste do Recife. Gustavo foi socorrido, mas perdeu a visão do olho atingido.

A reportagem aborda a criminalização de práticas culturais periféricas, com foco no “Passinho”. Segundo o texto, a violência policial aumentou quando esses encontros começaram a ocorrer em áreas elitistas. A necessidade de combater a má conduta policial é enfatizada, conforme indicado pela procuradora de Justiça, Maria Bernadete Azevedo.

Se por um lado o passinho estava cada vez mais famoso em âmbito nacional, desde a explosão do “Envolvimento” de MC Loma e Gêmeas Lacração, do outro, um Projeto de Lei na Assembleia Legislativa queria jogar um balde de água fria para combater a febre do momento nas ruas e escolas do Grande Recife.

A deputada Clarissa Tércio (PSC), membro da bancada evangélica da Assembleia Legislativa de Pernambuco (Alepe), propôs um projeto de lei com o objetivo de proibir performances de dança que “submetam crianças e adolescentes à

---

<sup>12</sup> CORREIA, Mariama. Racismo policial reprime encontros de passinho e já fez a primeira vítima. Marco Zero Conteúdo. 19/02/2019. Disponível em: <https://marcozero.org/racismo-policial-reprime-encontros-de-passinho-e-ja-fez-a-primeira-vitima/>. Acesso em: 30/03/2024.

erotização precoce nas escolas estaduais”. No texto do PL 494/2019,<sup>13</sup> a deputada argumenta que a erotização precoce de crianças e adolescentes é um dos principais fatores que contribuem para o aumento da violação da dignidade sexual das mulheres.

O projeto causou furor e discussões, com defensores pró e contra esse PL. E a resposta veio em ritmo de brega funk: a dupla Shevchenko e Elloco, pioneira no ritmo do passinho, lançou a canção “Passinho não é crime”<sup>14</sup>. Na letra, os MCs afirmam que o passinho é uma manifestação cultural de Pernambuco, como o maracatu, o frevo e o caboclinho, e que não é criminosa. *“Respeita os moleques do passinho/Não sou bandido, não sou traficante/ Só quero mostrar a cultura para o Brasil”*



Reprodução: YouTube

<sup>13</sup> PERNAMBUCO. Projeto de Lei nº 494/2019. Dispõe sobre a proibição de exposição de crianças e adolescentes no âmbito escolar, a danças que aludam a sexualização precoce e inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate à erotização infantil nas escolas do estado de Pernambuco. Disponível em:

<https://www.alepe.pe.gov.br/proposicao-texto-completo/?docid=4966&tipoprop=p>. Acesso em: 30/03/2024.

<sup>14</sup> Maker Filmes. Shevchenko e Elloco, Maneirinho na Voz - Passinho Não é Crime. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DSkJwT-6RPY>>. Acesso em 30/03/2024

## Brega funk e as eleições municipais de 2020

O brega funk deu ritmo à corrida nas eleições municipais de 2020, onde os primos e adversários políticos João Campos (PSB) e Marília Arraes (PT) disputaram o cargo para chefe do poder executivo do Recife. Na troca de farpas e acusações entre os parentes, a disputa pelo apoio de artistas do brega funk também estava em jogo.<sup>15</sup>

De um lado, Marília Arraes contava com o apoio do MC Troinha, morador do Alto José do Pinho e um dos pioneiros no gênero.



Reprodução: Instagram

<sup>15</sup> PRATA, Lucas. Apoio de artistas do Bregafunk é disputado em decisão de eleição no Recife. O Globo. 24/11/2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/lucas-prata/coluna-apoio-de-artistas-do-bregafunk-disputado-em-decisao-de-eleicao-no-recife-24762783>. Acesso em 06/04/2024



Do outro, João Campos se articulou com a juventude do movimento e o jingle da campanha foi feito no ritmo brega. O prefeito da época, Geraldo Júlio (PSB), apoiou o filho de Eduardo Campos. Geraldo já havia sido duramente criticado por não incluir o brega funk em festas públicas recifenses, como o Carnaval. Por fim, João Campos venceu o pleito e se encaminha para uma possível reeleição em 2024.



Reprodução: Facebook

Três dias antes do segundo turno das eleições municipais de 2020, o então candidato João Campos publicou uma foto ao lado do MC Anderson Neiff, com um texto elencando propostas direcionadas ao brega funk. Passados três anos, um desafio lançado por Neiff foi o “responsável” pelo prefeito platinar o cabelo durante o Carnaval de 2024 – uma tendência que é moda nas periferias há anos.



Reprodução: Facebook

## Recife reconhece “Movimento Brega” como Patrimônio Cultural Imaterial

Em 29 de junho de 2021, foi publicada a lei que reconhece o “Movimento Brega” como patrimônio cultural imaterial do Recife. O projeto da Lei 18.807/21 é de autoria do vereador Marco Aurélio Filho. Depois de duas votações, o PL foi aprovado e publicado.

A lei declara o “Movimento Brega” como Patrimônio Cultural Imaterial do Recife e traz uma mudança significativa em relação à legislação estadual, que em 2017 reconheceu o brega como expressão cultural. A adição da palavra “Movimento” levanta questões, pois não é comumente usada em pesquisas recentes.

A justificativa do projeto de lei esclarece que o “Movimento Brega” vai além do ritmo musical, representando um movimento popular que expressa a vida e a cultura da periferia da cidade. A lei visa incentivar e valorizar artistas, dançarinos, empresários e todos aqueles que contribuem direta ou indiretamente para o cenário econômico e cultural do Recife.

O pesquisador Fred Neto aponta os avanços desse novo entendimento, “pois enxerga o brega como uma cadeia produtiva que engloba desde o catador de latinha ao artista que performa no palco”.

A patrimonialização do brega e do Movimento Brega enfrentaram resistências, principalmente devido a discursos sobre “sexualidade precoce e músicas de baixo valor cultural”. No projeto que tramitou na Câmara Municipal, o gabinete do Vereador Marco Aurélio Filho conta que, através do diálogo, contou com os votos da bancada evangélica e conservadora.

“Na ocasião, explicamos que estávamos falando de uma cadeia produtiva que gera emprego e renda para muita gente. Imagine, por exemplo, o vendedor de espetinho, que vende suas mercadorias na frente do show. Esse é o ganha pão dele; são mães, pais e jovens que tiram o sustento da sua casa através do Brega”, disse a equipe do vereador.

Abaixo, destaco a fala do professor Thiago Soares sobre o novo cenário que o brega recifense está, em entrevista concedida ao jornalista Emmanuel Bento:<sup>16</sup>

"Depois de 2021, o brega passa a gozar de alguns privilégios pelo título de patrimônio. No primeiro momento da valorização, o brega-funk foi um pouco hostilizado, mas desde 2020 ele vem ganhando realmente força e protagonismo nesse cenário, chegando a ocupar palcos nobres do carnaval. Acho que existe uma relação de interesse mútuo: o poder público tem interesse no brega por questões culturais e de contato com as periferias, enquanto o brega naturalmente tem interesse em ampliar o seu aspecto de mercado e atuação" (Bento, 2023).

O pesquisador Thiago Soares ressaltou que a aprovação da lei inaugura um novo processo de patrimonialização, o que possibilita reivindicar outros dispositivos e reforça a necessidade de realizar mais pesquisas sobre o brega. Os dados apresentados no livro do pesquisador serviram de base para a elaboração das leis, tanto em âmbito estadual quanto municipal. Posteriormente, foi base de projetos nacionais, que serão abordados mais adiante.

Na Câmara Municipal, destacam-se os seguintes marcos legislativos:

- 2021: Lei Municipal nº 18807/2021, declara Patrimônio Cultural Imaterial do Município do Recife o "Movimento Brega".

---

<sup>16</sup> BENTO, Emmanuel. Brega vive reviravolta após décadas de exclusão pelo poder público. Jornal do Commercio. 22/11/2023. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2023/11/15635661-brega-vive-reviravolta-apos-decadas-de-exclusao-pelo-poder-publico.html>> Acesso: 25/11/2023

- 2022: Aprovação da Lei Municipal nº 18.996/ 2022, que institui, no Calendário Oficial de Eventos do Município do Recife, o "Novembro Brega", mês dedicado à valorização do Movimento Brega.
- 2023: Aprovação das Emendas ao Plano Plurianual (PPA) do Recife incluindo na ação “Valorização da Cultura”, a Valorização da Cultura Periférica e das ações do Novembro Brega.

Percebe-se que a maioria das ações envolvendo o brega na cidade do Recife são efetivamente políticas públicas de entretenimento, conforme aponta o jornalista e crítico cultural GG Albuquerque. Ele destaca a importância de investimentos em políticas públicas efetivas, especialmente nas áreas de educação e cultura. Por exemplo, espaços onde os jovens possam aprender e desenvolver suas habilidades para dançar e ensaiar o passinho, além de espaços com aulas de produção e mixagem.

Como pesquisador de estéticas e sonoridades periféricas, GG Albuquerque acredita que investimentos como esses podem revelar grandes talentos das comunidades recifenses. Muitos veem o brega funk como uma oportunidade de ascensão social e, ao formar essas pessoas, pode-se também fortalecer a cadeia produtiva – tópico explorado nos próximos capítulos.

## **O Brega Recifense em Brasília**

Depois do reconhecimento municipal do “Movimento Brega” como patrimônio cultural e imaterial do Recife, o deputado federal Felipe Carreras (PSB) levou à Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 2521/2021, que busca nomear a cidade como a “Capital Nacional do Brega”. A proposta, que já foi aprovada entre os deputados, agora aguarda deliberação no Senado Federal.

Nesse mesmo caminho, o deputado federal Pedro Campos (PSB), irmão do prefeito João Campos, propôs na Câmara o PL 5616/2023, que institui o Dia

Nacional do Brega. A data proposta é 14 de fevereiro, aniversário do Reginaldo Rossi.

Artistas, produtores da cena brega pernambucana e o pesquisador Thiago Soares participaram da audiência pública realizada pela Comissão de Cultura da Câmara em 21 de novembro de 2023. O projeto está aguardando o parecer do relator, na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC).

## **Carnaval do Recife 2024**

Desde 2003, O “Carnaval Multicultural do Recife” é celebrado em polos descentralizados por toda cidade. O projeto iniciou na gestão de João Paulo (PT) e o formato se mantém desde então. Contudo, ao longo dos anos, tem-se tentado usar apenas a expressão “Carnaval do Recife”. O movimento é uma tentativa do PSB, que ocupa a prefeitura desde 2013, de desvencilhar a origem do termo ao Partido dos Trabalhadores, seu rival político histórico na cidade.

Em artigo apresentado na especialização em Gestão de Projetos Culturais pelo Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC-USP), Camila Rodrigues aponta ainda a necessidade da mudança de termo de “multicultural” para “intercultural”, pois “multiculturalidade supõe aceitação do heterogêneo; interculturalidade implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos”. Seu objeto de estudo foi a presença do brega funk no carnaval do Recife em 2023.

Consideramos o conceito de intercultural necessário ao caso do brega funk, porque, uma vez que ele rompe com um espaço de conciliação com as tradições e é segregado por parte da população e poder público, urge que ele seja não só respeitado como diferente, mas que também tenha suas desigualdades corrigidas pelas políticas culturais para que seja possível a sua conexão com mais pessoas. (RODRIGUES, 2023, p.10)

Camila analisou também o edital do Carnaval de 2023. A pesquisadora apontou que, apesar de não excluir o brega, como aconteceu no edital de 2017, o edital recente incluiu algumas disposições que podem trazer entraves para artistas

com menos recursos e estruturas de produção, como é o caso dos cantores de brega funk.

A comissão avaliadora do mérito artístico considerou fatores como o histórico artístico, representatividade/reconhecimento popular e qualidade artística. Através de uma média aritmética, os artistas que tivessem pontuação menor do que 12 pontos seriam inabilitados. Com as exigências, apenas quatro artistas foram habilitados, sendo eles os Neiffs, Uana, MC Forrá e Barro. Como forma de reverter o resultado do edital, a gestão municipal convocou 11 artistas para se apresentarem no Marco Zero e também em polos descentralizados.

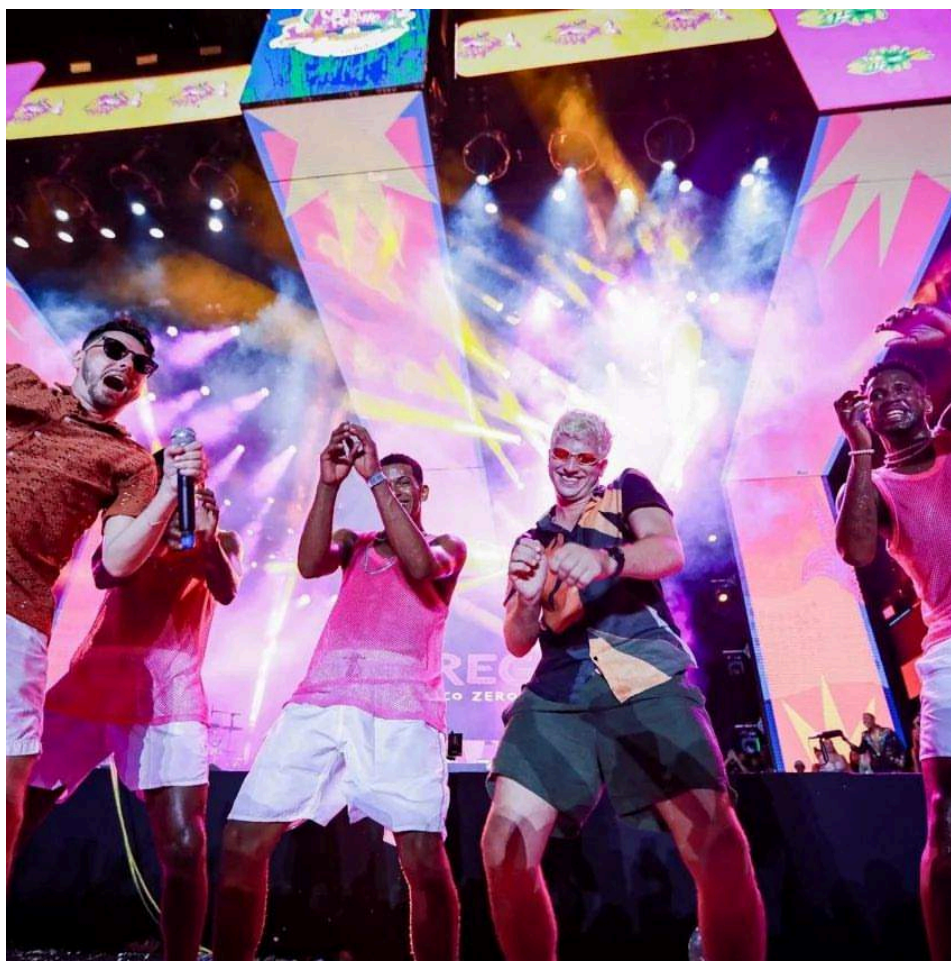
Em 2024, a gestão municipal se propôs a fazer o “maior carnaval em linha reta”, num gesto que incluiu o prefeito João Campos “nevando” o cabelo (o já mencionado loiro platinado) e também apresentações de brega funk, no dia 11 de fevereiro. [O carnaval de 2024 teve um custo aproximado de R\\$100 milhões](#),<sup>17</sup> em que R\$13,1 milhões foram gastos com publicidade.

O show Recife Capital do Brega contou com participações de Os Neiffs, MC Cego, Elvis, MC Tocha, Conde Só Brega, Michelle Melo, Francyne Roper e Banda Kitara. As mídias locais e nacionais noticiaram o visual “galeroso” (de rapaz periférico) do prefeito e sua ida ao palco para dançar o passinho dos malokas. Em suas redes, o prefeito contou que adotou o visual em homenagem à cultura das periferias do Recife.

---

<sup>17</sup> Câmara Municipal do Recife. Alcides Cardoso reclama dos gastos da Prefeitura com o Carnaval 2024. Disponível em: <https://www.recife.pe.leg.br/comunicacao/noticias/2024/04/alcides-cardoso-reclama-dos-gastos-da-prefeitura-com-o-carnaval-2024#:~:text=%E2%80%9CA%20Prefeitura%20desembolsou%20quase%20R,3%2C5%20milh%C3%B5es%20de%20patroc%C3%ADnios.>> Acesso em 29/05/2024





Reprodução Instagram

Depois do espetáculo, Anderson Neiff criticou o pouco tempo de apresentação de cada artista durante a noite temática e também disse que os artistas locais receberam um tratamento diferenciado. Um exemplo é o da cantora Tayara Andreza. Ela acabou não se apresentando pois, devido a um atraso sem aviso prévio, o palco estava sendo desmontado na hora da apresentação dela. Depois de desabafos e descontentamentos através das redes sociais, Tayara “ganhou” um horário para se apresentar na terça-feira de carnaval.<sup>18</sup>

O jornalista GG Albuquerque endossa que os investimentos devem ser feitos na base, através de políticas públicas aplicadas de maneira efetiva, para criar um

---

<sup>18</sup> BENTO, Emannuel. Carnaval do Recife: Tayara Andreza 'ganha' show no Marco Zero após ser impedida de cantar no espetáculo 'Recife, Capital do Brega'. 11/102/2024. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2024/02/15670956-carnaval-do-recife-tayara-andreza-ganha-show-no-marco-zero-apos-ser-impedida-de-cantar-no-espetaculo-recife-capital-do-brega.html>> Acesso: 15/02/2024

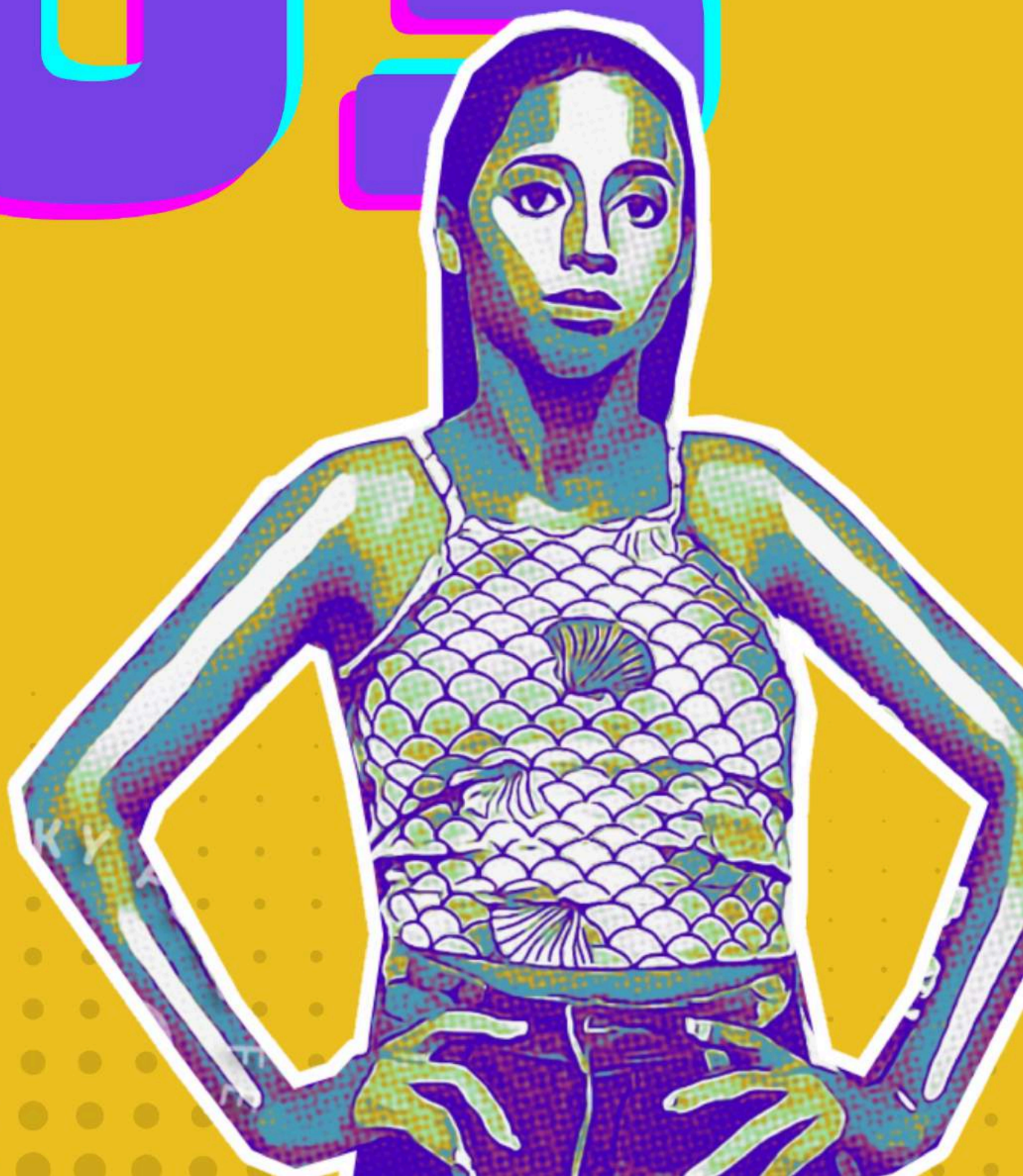
alicerce do movimento nas periferias e não apenas favorecer o entretenimento, enaltecendo os artistas já reconhecidos.

O vereador Marco Aurélio Filho (PV) é articulador das principais políticas públicas envolvendo o brega. Ele também é autor do projeto de lei que tornou o Movimento Brega patrimônio imaterial do Recife. Procurei o gabinete do vereador para perguntar sobre se há projetos para criar espaços nas comunidades para fortalecer e subsidiar a cultura periférica.

Em nota, o gabinete do parlamentar respondeu que “um dos encaminhamentos da Reunião Pública que realizamos no Rec’n’Play foi a indicação ao Secretário de Segurança Cidadã e ao Secretário de Cultura que promovam a criação de Estúdios Comunitários nos Compaz do Recife para produção de músicas e conteúdos audiovisuais pelos jovens das comunidades periféricas da Cidade. Esse Requerimento foi aprovado por unanimidade na Câmara e agora estamos articulando com o Município sua execução”.

CAPÍTULO

# 03



### **CAPÍTULO 3 POR ESSA NEM O FUTURO ESPERAVA<sup>19</sup>: DO BREGA FUNK DAS PERIFERIAS DO RECIFE ÀS PARADAS DE SUCESSO DO BRASIL**

#### **Nem melhor nem pior, apenas diferenciado**

O brega funk surge nas periferias do Recife como uma forma de reinvenção dos MCs de funk que, na década de 1990 e início dos anos 2000, cantavam representando suas “galeras”, ou seja, as suas comunidades, nas batalhas de MC que aconteciam nos clubes do Grande Recife. Em 2005, os bailes foram proibidos devido ao aumento da violência e brigas entre comunidades inimigas, com mortes dentro e fora das festas.

Nos capítulos anteriores, fizemos um panorama sobre a história do brega recifense. Abordaremos, agora, a história do funk no Grande Recife e os bailes de corredor, onde os MCs subiam ao palco representando suas comunidades. Os bailes de corredor receberam esse nome porque eram organizados de forma que os participantes – as galeras – se dividiam em grupos rivais, formando corredores nos salões. Esses grupos ficavam em lados opostos, muitas vezes trocando provocações, dançando enquanto se batiam e acabando até em agressões, o que deu origem ao nome.

---

<sup>19</sup> Expressão utilizada pelos MCs Shevchenko e Elloco antes de algumas de suas músicas



Em 2004 “Galeras” divididas no Baile do Téo



Créditos: Alcione Ferreira/ Diário de Pernambuco

No início dos anos 2000, o Baile do Clube Rodoviário, também conhecido por Baile do Rodô (no bairro da Imbiribeira, Zona Sul do Recife), e o Baile do Téo (em Casa Amarela, Zona Norte) eram os dois mais famosos bailes da capital pernambucana. Foram nessas festas que muitos MCs de brega começaram suas carreiras cantando funk, como MC Leozinho do Recife (O General), Shevchenko & Elloco, e MC Troia.

### **Funk Pernambucano e o pioneirismo de Cibeles da ZO**

Cibele Araújo, produtora audiovisual e cultural de 34 anos, tem uma longa trajetória de 21 anos no funk. Inspirada por sua tia Ana, que fazia parte de uma das primeiras galeras do Recife, a STPS de Cavaleiro (Somos Todos Prol Suburbanos), Cibele cresceu admirando o espaço que as mulheres ocupavam nos bailes de corredor.

Moradora da comunidade Bola de Ouro, no Curado, no município de Jaboatão dos Guararapes, Cibeles se mudou aos 10 anos para a comunidade do Morro do Cuscuz, também no Curado. “Nunca vou me esquecer do dia 07 de junho de 2003. Era aniversário da galera do Curado, saíram três ônibus para ir ao Rodô, eu fui junto e desde então nunca parei”, conta saudosista.

Aos 13 anos, em 2003, Cibeles começou a frequentar bailes, iniciando pelo Baile do Rodoviário (o Rodô), o maior de Pernambuco, e pelo Baile do Téo, o segundo maior. Com o fechamento desses bailes entre 2005 e 2008, Cibeles passou a frequentar o Baile do Ipiranga, em São Lourenço da Mata, o Clube Ferroviário, em Jaboatão dos Guararapes, além de outros bailes menores.

Cibeles destaca que, desde o início, foi a única de sua galera que nunca parou de ir aos bailes. Em 2004, ela tentou cantar pela primeira vez, mas enfrentou dificuldades devido à falta de oportunidades para mulheres. Em 2005, Cibeles teve um filho e, em 2006, começou a cantar novamente, criando a sigla BFC (Bonde Feminino do Curado), uma das primeiras siglas femininas de Pernambuco.

Com o apoio de seu amigo DuDu Play, principal artista da galera do Curado, Cibeles teve seu nome mencionado em músicas, incentivando outras mulheres a se envolverem no funk. Ela foi a primeira mulher da sua “galera”, do Curado, a cantar nos bailes. A sigla BFC se tornou uma forma de afirmação e identidade para as funkeiras do Curado.

Além de cantar, Cibeles preferia manter suas músicas dentro da comunidade, visto que as composições refletiam realidades locais que poderiam ser mal interpretadas como apologia. Em 2007, grávida, ela foi filmada cantando em um baile no Curado, ao lado de seu irmão Rei, produtor da Real Funk.

Reinaldo Vinícius, vulgo Rei, é ator, produtor e apresentador. Atua com produção audiovisual e desde 2018 é responsável pelas postagens e coberturas culturais da página Recife Ordinário. Amigo e “irmão de consideração” de Cibeles, Rei conta que não frequentava muitos bailes. “Eu curtia muito rock, mas andava com a galera do funk e isso me influenciou muito, até o momento que ouvi um funk mencionando minha comunidade, o Curado. Eu nunca tinha ouvido nenhuma música, nenhum cantor pernambucano falando sobre o Curado e isso me tocou, me



senti representado”, conta. Isso influenciou o jovem a participar dos bailes e se envolver com a produção musical.

Cibele decidiu deixar de lado a carreira de MC e tornou-se a primeira mulher produtora de funk em Pernambuco, trabalhando na Real Funk, ao lado de Rei. Naquela época, a internet era limitada, Rei foi um dos criadores da página “Os Galerosos” para divulgar artistas e eventos, tornando-se uma referência. Cibele ajudava Rei na administração das páginas.

A produtora sempre quis que as mulheres tivessem um espaço no funk, que fossem vistas como referências e tivessem seus nomes nas músicas. Ela acreditava que as mulheres podiam fazer tudo o que os homens faziam no funk, e que as limitações eram mais mentais do que reais. Inspirada por sua tia Ana, que era respeitada na galera, Cibele cresceu ouvindo funk e se apaixonou pelo gênero.

“Ser MC foi uma forma de mostrar que as mulheres também podiam se destacar no funk”, conta. Após seu pioneirismo, outras meninas começaram a cantar, o que foi importante para a história do funk no Curado e em Pernambuco. Cibele acredita que as mulheres devem ter o mesmo valor, reconhecimento e espaço que os homens no funk.

A criadora do BFC se inspira em outras mulheres do funk, como MC Cacaú, MC Dandara, MC Sabrina e Valesca Popozuda, que abriram caminho para que outras mulheres se sentissem representadas e subissem ao palco. “Apesar de serem poucas comparadas aos homens, as mulheres sempre representaram no baile, organizando e liderando galeras”, destaca.

Ela relembra os tempos dos bailes de corredor, ambientes violentos e marginalizados, mas conta também que nem todos que frequentavam os bailes iam com a intenção de brigar. Cibele celebra a evolução para os bailes da paz, e conta que “é possível reunir 5.000 pessoas em um espaço seguro e divertido”. Os chamados Bailes da Paz surgiram em 2016 e prevalecem até hoje. “Hoje, as galeras são padronizadas e organizadas, com camisas, bermudas, chapéus e bandeiras, permitindo uma convivência harmoniosa entre grupos que antes eram inimigos”.

Para Cibele, o baile é um lugar em que as pessoas podem esquecer seus problemas e se sentirem felizes, livres e poderosas. Ela acredita que o funk

proporciona um senso de importância e bem-estar, tanto para ela, quanto para outras meninas. Apesar do preconceito e da repressão que o funk ainda enfrenta, a funkeira vê o movimento como uma forma de resistência e afirmação.

A Real Funk, onde Cibeles trabalhou como produtora, foi responsável por lançar muitos artistas que migraram para o brega funk, um gênero que surgiu a partir do funk pernambucano e ganhou o mundo.

Cibeles foi pioneira mais uma vez em 2018, criando a primeira marca de vestuário do segmento. A empreendedora conta que as galeras têm o costume de personalizar suas camisas, com o uniforme representando a comunidade, mas que nunca criaram uma marca de roupas. A Zona Oeste 90 surgiu desse orgulho em representar as periferias, sendo uma marca totalmente periférica e que trabalha com produção independente.

Além de uma marca de vestuário, a empresa de Cibeles também atua com produção audiovisual do movimento funk, hip hop e brega funk de todo estado de Pernambuco. Na estampa das suas camisas, a marca traz referências que valorizam as comunidades periféricas do estado.

O “Zona Oeste” faz alusão às comunidades que ficam na Zona Oeste da Região Metropolitana do Recife, como o Curado, de onde Cibeles é. Já sobre o número “90”, a produtora conta que ele foi escolhido para representar os anos 1990, época em que ela começou a ouvir funk, ainda criança.

A empreendedora acredita que o preconceito contra o funk é resultado da ignorância e repressão. “A sociedade ainda vê o funk com desconfiança, mas, como diz a música, ‘é som de preto de favelado, mas quando toca ninguém fica parado’. O funk continua a ser uma forma de expressão e resistência para muitos, proporcionando alegria e união”.

Ao longo desses 21 anos de estreito relacionamento com o funk, Cibeles não é apenas apreciadora, mas importante articuladora e ativista do movimento. Ela participa de debates e audiências públicas reivindicando os direitos e reconhecimento da cultura periférica.

Em 2023, Cibeles e Mr. Sony, cantor de funk e brega funk, participaram na Câmara Municipal do Recife da audiência pública que debateu sobre a Lei Paulo Gustavo. Ela conta que foi “a primeira vez que o funk foi mencionado como algo cultural na Câmara dos Vereadores do Recife.”

A Lei Complementar nº 195/2022, que leva o nome do humorista fluminense, destina mais de R\$3 bilhões para execução de ações e projetos culturais em todo o território nacional. Ela permite que profissionais da cultura tenham acesso a recursos por meio de editais, chamamentos públicos, prêmios, aquisição de bens e serviços ou outras formas de seleção pública simplificada. Como abordado no capítulo anterior, os movimentos lutam e reivindicam para o reconhecimento do poder público e, conseqüentemente, para que possam concorrer a editais.

Em 11 de maio de 2024, pela primeira vez, um evento de funk foi realizado com verba pública. O Projeto Sonoridades, realizado na Torre Malakoff, um dos prédios históricos do centro do Recife, teve um sábado dedicado ao funk e trap pernambucano. Cibeles conta feliz sobre essa conquista do movimento funk. Junto aos seus amigos, ela almeja estudar para participar de mais editais, no desejo de levar cada vez mais o funk pernambucano para se fortalecer dentro e fora do estado.



Reprodução/ Instagram

O Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (Funcultura PE) é o principal mecanismo de fomento e difusão da produção cultural no Estado de Pernambuco. O livro de Thiago Soares “Ninguém é Perfeito e a vida é assim”, usado como uma grande referência deste livro-reportagem, também contou com verba do Funcultura.

### **Foi-se o baile de corredor, nasce o Baile da Paz**

Durante as apurações para este TCC, confesso que uma das informações que mais me surpreendeu foi a existência dos bailes funk das antigas no Grande Recife. Meu tio Wellington era assinante do Jornal do Commercio e, além de ler o jornal, eu sempre acabava assistindo às notícias e me lembro das matérias sobre o fechamento e proibição dos bailes de corredor.

Na época, com 14 anos, o que me chamava atenção – e o motivo pelo qual isso ficou na memória – era minha familiaridade com o Clube Rodoviário, não por

frequentá-lo, mas por sempre passar por perto, por estar a menos de quatro quilômetros da casa em que morava. Não esqueço das notícias que falavam de intervenções da Polícia Militar e até mortes fora do baile.

Acabei fixando na mente que os bailes foram permanentemente proibidos e, com isso, teriam deixado de existir. Essa teoria foi ainda mais reforçada ao relacionar a ida dos MCs de funk para o brega funk. E, assim, esse livro-reportagem me fez revisitar e conhecer um movimento antigo, de raízes profundas, e que ainda sobrevive.

Anos após a proibição dos bailes de corredor, em 2016 surgiu o Projeto Baile da Paz, organizado para que as galeras curtam o funk e eliminem o estigma da violência. Grupos de diferentes bairros participam da festa com o objetivo de se divertir sem conflitos, em eventos realizados no Clube Recreativo da Compesa, no bairro do Engenho do Meio.

O produtor cultural Rei, da Real Funk, conta que o surgimento e manutenção desses bailes têm o diálogo como chave essencial. Ele contou, por exemplo, que esses bailes surgiram a partir de reuniões com os puxadores, os líderes de cada galera, e com número limitado de ingressos para cada bonde.

Nos Bailes da Paz, o puxador é responsável por escolher quem levará para o baile e cada líder deve se responsabilizar pelo seu bonde. No Instagram do projeto, são postadas convocações para reuniões dos puxadores, na qual eles alinham os detalhes do próximo baile.

“O baile da paz é o momento de reunir, de cada galera vestir e representar sua comunidade. Lá, a gente celebra e sente orgulho de onde somos, da nossa quebrada”, conta Cibeles Araújo. Cada comunidade vai devidamente uniformizada, vestindo a camisa e as cores que representam o seu bonde.

Em 2020, GG Albuquerque escreveu sobre o Baile da Paz<sup>20</sup>, contando sua ida ao baile. O jornalista pegou carona no ônibus alugado pela galera da PV (Praia Verde), do bairro Rio Doce, em Olinda, e seguiu para o evento. Na reportagem, GG

---

<sup>20</sup> ALBUQUERQUE, GG. O Baile da Paz mantém vivo o funk antigo do Recife. Embrizado, 05/10/2020. Disponível em: <<https://embrizado.com.br/2020/10/05/o-baile-da-paz-mantem-vivo-o-funk-antigo-do-recife/>> . Acesso em: 20/05/2024

conta que, na prática, manter a paz e o equilíbrio é algo bem complicado. Cabe aos puxadores separar os grupos, enquanto os MCs têm que interromper os shows para pedir que separem quaisquer conflitos nos bailes.

No perfil oficial do evento, no Instagram, é possível ler uma nota de repúdio<sup>21</sup> a brigas que aconteceram no baile, pedindo respeito às mais de 68 comunidades ligadas ao projeto. A nota ainda informa que os responsáveis seriam penalizados com a expulsão do projeto.

Albuquerque conta que, apesar dos conflitos, o Baile da Paz é um espaço de afirmação da identidade dos bairros. Bandeirões homenageiam moradores falecidos e os MCs cantam músicas que exaltam as periferias, criando uma memória afetiva. Em um momento, um homem em cadeira de rodas foi levantado pelo público, mostrando a inclusão do funk.

### **Do baile ao brega: o surgimento do brega funk**

José Leonel do Nascimento Neto, mais conhecido como MC Leozinho do Recife, nasceu em Paulista em 08 de junho de 1985. Ele iniciou sua carreira musical aos 12 anos, cantando em eventos comunitários. Aos 14 anos, começou a frequentar o baile de funk Rodoviário com seu primo, irmão e amigos da comunidade do Rio Doce, conhecida como Praia Verde (PV). Aos 17 anos, destacou-se no Rodoviário com seu primeiro sucesso, “O rap da união”, seguido pelo hit “O rap da Cyclone”, que o tornou conhecido em Pernambuco e em vários estados do Brasil. Leozinho também é conhecido como O General do funk.

Jaciara Gomes, professora do Departamento de Letras da Universidade de Pernambuco, conta como as composições do MC Leozinho influenciaram na sua prática docente. Em 2005, quando trabalhava como professora contratada numa escola estadual no bairro de Casa Amarela, Zona Norte do Recife, ela incluiu canções do General do Funk em suas aulas, com o intuito de fazer com que alguns

---

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C7NEmsOhIEN/>> Acesso: 30/05/2024.



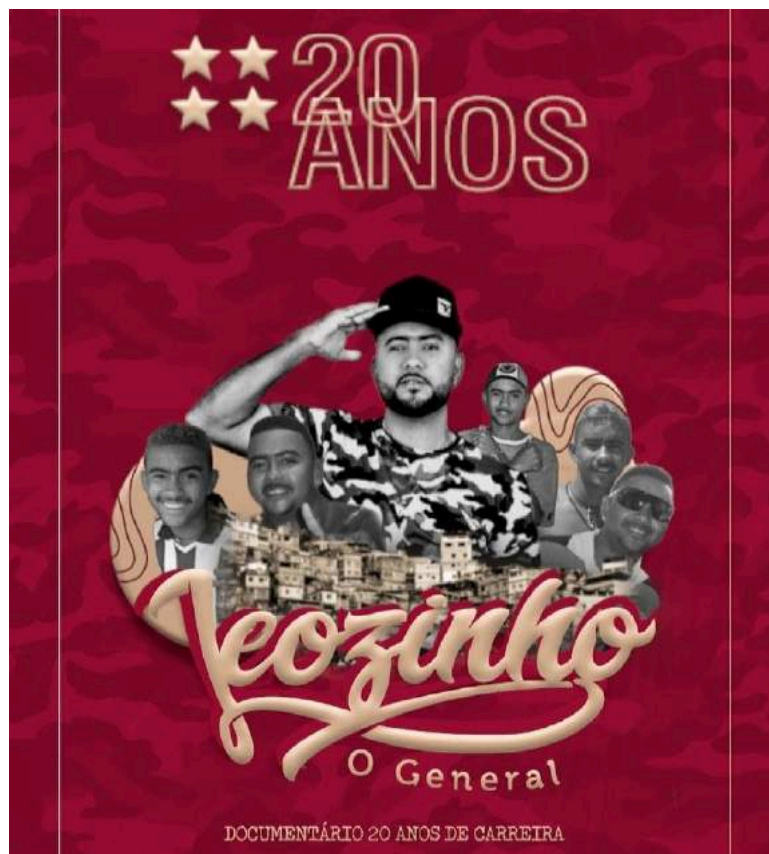
estudantes passassem a participar mais ativamente das aulas. Os educandos eram fãs do MC Leozinho e, inspirados no ídolo, já faziam suas próprias composições.

MC Leozinho do Recife passou a ser convidado para tocar em rádios comunitárias e gravou seu primeiro CD de funk com a participação de MC Taz. Seu segundo CD oficial trouxe sucessos como “Foi lá em Olinda” e “Aquele mina”. Nos bailes de galera, os MCs subiam ao palco para representar suas comunidades, cantando, enaltecendo e também provocando as galeras rivais.

No ‘Rap da Cyclone’, Leonel celebra a cultura e as comunidades das periferias de Recife, destacando a união e o orgulho local. A música menciona diversos bairros e comunidades, simbolizando uma identidade coletiva. O objetivo do artista é utilizar o rap para fortalecer os laços comunitários e expressar solidariedade, mencionando amigos, locais e objetos significativos. “Cyclone”, por exemplo, é uma famosa marca de roupas amplamente utilizada pelos galerosos recifenses.

Leozinho construiu outro marco importante. O General do funk foi também o pioneiro do brega funk. A canção “Dois Amores”, lançada em 2007 com o DJ Serginho do Arruda, é a gênese do ritmo que tomou as periferias do Grande Recife. Em seu perfil no Instagram, o MC se descreve como “o criador e pioneiro do brega funk”.

Em 2021, foi lançada uma websérie documental para celebrar os seus 20 anos de carreira. Os três episódios estão disponíveis no canal do MC no YouTube, em um projeto viabilizado com recursos da Lei de Cultura Aldir Blanc. No documentário, Cibele Araújo conta sobre o papel das mulheres no funk de Pernambuco. Rei (Reizinho) assina o roteiro e coprodução da websérie, que é dirigida por Tássia Seabra, da Seabra Produções.



Reprodução/ Instagram

O brega funk surge como um movimento que, além de ser das comunidades, canta e usa expressões do cotidiano desses sujeitos. As primeiras produções surgiram nos estúdios em que antes eram produzidos os funks, pois alguns MCs eram amigos e frequentavam os mesmos locais. Rei conta que, com os bailes proibidos, eles viram a possibilidade de entrar em outro mercado, até por uma questão de sobrevivência e reinvenção. Com o tempo, o subgênero foi crescendo e ganhando outras proporções.

A professora Jaciara fez um comparativo entre as festas do baile funk de corredor e as festas de brega funk.

A dança é extremamente sensual. As coreografias podem ser executadas individualmente ou em duplas, geralmente casais. O corpo todo se movimenta com um requebrado em perfeita sintonia. Os quadris, principalmente, executam movimentos circulares suaves e, ao mesmo tempo, firmes. A sessão “rala-rala” parece ter ganhado toda a festa porque os casais realizam a dança com o pleno contato corporal e um “esfrega-esfrega” que, algumas vezes, também simula atos sexuais. As roupas justas das mulheres contribuem para a melhor visualização dos movimentos e para “enlouquecer” os rapazes. Estes, “desprovidos de preconceitos”, rebolam e exibem os corpos malhados levantando levemente as camisas. As mulheres também

vão à loucura. É a festa da conquista. O baile brega (funk) se apresenta como o lugar para se mostrar ao outro e para vê-lo, admirá-lo também. Se o baile comum e, principalmente, o de corredor não favoreciam a conquista, no 'brega', tem-se o oposto, já que o espaço se configura como o mais propício ao "romance" (Gomes, 2021 p. 60-61)

As batidas frenéticas do funk se encontraram com a melodia do brega pernambucano, resultando na ascensão de artistas como os MCs Sheldon & Boco, GG, Dadá Boladão e Troinha. A música "Novinha tá querendo o quê?", dos MCs Metal e Cego, é o marco performático do brega funk.

Público durante apresentação do MC Troinha, em 02 de março de 2024



Créditos: Luciana Cardoso, 2024

A ascensão do ritmo foi carregada de mais uma camada de preconceito. Ao juntar dois ritmos periféricos e estigmatizados, o brega funk adiciona a pauta racial desses sujeitos. Na primeira edição do seu livro, em 2017, Thiago Soares coloca os MCs como o estilo bad boy, gangsta. Na segunda edição da obra, em 2021, o pesquisador amplia o debate e acrescenta o capítulo "Brega funk: a racialização do brega", em que aborda os estigmas envolvidos e debates em torno do gênero.

Os MCs tomavam predominantemente a cena, composta majoritariamente por homens cisgêneros, héteros e não-brancos. Mas foi na voz de uma adolescente de 15 anos que o brega funk se nacionalizou. Com o fenômeno viral e um clipe

totalmente amador, o ritmo ganhou as paradas de sucesso do Brasil em 2018, com o hit “Envolvimento”, da MC Loma e as Gêmeas Lacração.

Se Felipe Neto consagrou Loma em uma posição de “viral da internet”, a aprovação de Anitta desloca a pernambucana para a lógica das “cantoras pop”. A partir desse momento, é possível perceber uma adesão considerável de MC Loma e as Gêmeas Lacração ao público LGBT através de compartilhamentos de ações em rede e vinculações da artista de brega funk ao universo das cantoras pop (SOARES; BENTO, 2020).

Nacionalizado, o brega funk foi abraçado pela indústria fonográfica em 2018 e 2019. O cantor Dadá Boladão foi um dos artistas mais ouvidos em 2019 e, dentre os hits, “Surtada”, com a MC Tati Zaqui e Oik, era ouvido repetidamente.

Desde então, as gravadoras de funk do sudeste começaram a investir no novo som recifense e artistas do ritmo se mudaram para São Paulo, como a MC Loma e as Gêmeas Lacração, os produtores Dany Bala, Batidão Stronda e DG. Outros nomes que se destacam são os produtores JS O Mão de Ouro e Marley no Beat. Eles criaram a batida do Passinho dos Malokas, que surgiu no final de 2018. Em 2020, para celebrar os 250 anos do nascimento do compositor Beethoven, a gravadora Warner Music Brasil convidou JS para transformar a 5ª Sinfonia e a 9ª Sinfonia em remixes de brega funk.

Nascido e criado no bairro de Jardim Paulista Baixo, na cidade de Paulista, Jhonatan Santos sempre teve uma conexão profunda com a música. Influenciado pelos ritmos latinos como guaracha, merengue e brega, que ouvia em casa, JS decidiu embarcar na jornada musical. Com um notebook do governo em mãos, ele iniciou seus estudos musicais, aprofundando-se ainda mais com a ajuda do computador de seu tio.

“Meu tio tinha um computador e todos os dias eu ia para casa dele, baixava as músicas e ficava estudando”, conta o músico. A partir daí, JS passou a chamar artistas da região e começou a colaborar com eles, incluindo MCs como Troinha e Tocha, solidificando sua presença na cena musical. Quando JS se mudou para São Paulo e estabeleceu residência em Santo André, seu empresário, Dolla, adicionou o

termo “O Mão de Ouro” ao seu nome, criando assim o selo que hoje é reconhecido em todo o país.

Dolla, empresário de JS, reforça que dentre tantas produções do músico, “Hit Contagiate”, “Surtada”, “Sentadão” e “Tudo OK” chegaram ao “Top 1 Hits do Brasil” nas plataformas digitais. O sucesso resultou na sua participação em vários canais e programas de TV de estrelas como Ana Maria Braga e Faustão, além de participações no programa de Marcos Mion, no “Caldeirão”, “Domingão com Huck”, e reportagem no “Fantástico”. A música “Tudo OK” foi até mesmo considerada o hit do carnaval de 2019. Além do hit, a matéria no “Fantástico” abordou o processo criativo do produtor, que chegou à sua batida característica remixando as batidas da panela de sua avó.



Reprodução: Instagram

Nisso, vemos também outra característica desse processo de nacionalização do ritmo: a contratação dos talentos pernambucanos por produtoras paulistas. JS, Dany Bala, Batidão Stronda e DG foram alguns hitmakers que saíram de Pernambuco e migraram para São Paulo, começando a trabalhar e moldar a estética e o ritmo para o novo público-alvo.

A origem do ritmo veio da reinvenção dos MCs do funk. Nesse cenário, os homens, de certa forma, predominam em número na cena musical que surgiu em



2008. Apesar disso, artistas LGBTQIA+, como Rayssa Dias e Uana, também merecem destaque.

Rayssa Dias tem 29 anos e há 10 está envolvida no brega funk. Mulher negra e lésbica do bairro de Salgadinho, em Olinda, Rayssa canta sobre o poder feminino em suas letras, em que as mulheres são protagonistas. Na cena brega funk, a artista busca destaque para ela e outras mulheres.

Um exemplo do estilo e do discurso de Rayssa é a letra da música “Fica na Tua”, composta após sua indignação ao presenciar um episódio de assédio sofrido por uma amiga quando elas dançavam em um show. Em abril de 2024, a cantora lançou seu EP “Independente”, reforçando o intuito de destacar o protagonismo feminino e periférico.



Reprodução: Instagram

A festa de lançamento do EP foi registrada pela série Favela.doc, da cineasta Viviane Ferreira. No documentário, o brega funk é representado pela cantora olindense. “Quando recebi o convite para participar, eles me deram uma verba e eu



decidi fazer uma festa de lançamento do meu EP e eles gravaram a festa e me entrevistaram”, conta Rayssa. O lançamento do documentário está previsto para o primeiro semestre de 2025.

### **Das comunidades para o TikTok: o passinho dos malokas**

Além do estilo musical, outro ponto importante é o surgimento de grupos de Passinho, que criam coreografias de músicas já lançadas. Eles são fundamentais para a divulgação de canções com seus vídeos coreografados, que geralmente têm mais visualizações do que o lançamento oficial. O *passinho dos maloka* viralizou em setembro de 2018, quando um grupo postou no Instagram a coreografia da música [“Gera Bactéria”, de MC Shevchenko e Elloco.](#)

Os Magnatas do Passinho, grupo do bairro de Santo Amaro, área central do Recife



Reprodução: Instagram

A dupla de MCs foi a pioneira em lançar músicas para o passinho. Eles fundaram também a marca de roupas, a 24/48 e a produtora A Tropa. No bairro do Arruda, Zona Norte do Recife, Shev e Elloco tocam também projetos solidários, como “A Tropa Solidária”. Em 21 de março de 2024, Cleiton José da Silva, o Elloco, faleceu aos 34 anos. Elloco deixa um legado e suas digitais no brega funk pernambucano. O título desse livro-reportagem homenageia sua carreira e legado, como ele sempre dizia: “Brega funk é a voz dos incaláveis”.

O Tiktok foi uma plataforma que impulsionou o brega funk a viralizar e atingir patamares de virais além da “bolha” recifense. As coreografias dos grupos de Passinho viralizaram na rede social das dancinhas, principalmente a partir de 2020, quando o Tiktok se consolidou ainda mais no Brasil. Essa nova plataforma impulsionou, inclusive, uma mudança: a criação da música já pensando na sua dança, como relatou o produtor John Johnis em entrevista a Emmanuel Bento (2023).<sup>22</sup>

O Passinho virou um movimento independente, com seus próprios eventos e ídolos, tendo vídeos produzidos pela Kondzilla. Antes do brega funk, eram grupos de swingueira que se reinventaram e mudaram o estilo da dança. Esses grupos exercem um papel importantíssimo dentro das comunidades recifenses, tirando muitos jovens do tráfico e criminalidade.

Com a fama do passinho surge, também, uma resignificação do sentimento de pertencimento. Ao estampar a sua comunidade nos uniformes, os grupos dão outros significados ao lugar em que moram, lugares que geralmente são estigmatizados em estereótipos reforçados pela mídia local ao longo das três últimas décadas. Os Magnatas do Passinho, por exemplo, carregam com orgulho as iniciais SA, indicando o bairro de Santo Amaro, sempre noticiado e estigmatizado como local violento.

Rei conta que a herança do estilo do passinho vem das galeras do funk. “Essa questão de usar uma camisa personalizada, representando de onde vem, é

---

<sup>22</sup> BENTO, Emmanuel. Carnaval do Recife: Brega-funk, um ritmo mutante: entenda transformações e desafios do gênero 23/11/2023. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2023/11/15638006-brega-funk-um-ritmo-mutante-entenda-transfor-macoes-e-desafios-do-genero.html>> Acesso: 25/11/2023.

herança do funk. As galeras do funk já faziam isso e foi mais uma herança que o funk deixou para o brega funk”.

### **Passinho, dancinhas e influência digital**

As redes sociais possibilitaram aos artistas ficarem mais próximos do público, divulgar agendas de show, lançar suas canções, mas não só isso. Se em páginas anteriores abordamos a dependência que os artistas tinham de aparecer em programas de auditório para divulgar suas músicas, reverter essa divulgação em shows e, assim, lucrar, as redes sociais trouxeram não só os artistas, mas também criou uma onda de influenciadores e produtores de conteúdo.

Duas grandes páginas em Recife são o Brega Bregoso e Recife Ordinário, que atualmente concentram a maior parte da produção de conteúdo no Instagram. Alexandre Vinícius, co-criador da Brega Bregoso, contou que a proposta inicial da página, na época no Facebook, era a divulgação de conteúdo cômico que ressoasse junto às comunidades periféricas da Grande Recife, com constantes alusões a canções, imagens e memes característicos dos MCs. A conexão com o público aconteceu de maneira imediata.

Atualmente, o Brega Bregoso desempenha o papel de um canal promocional para MCs, bailarinos e personalidades da internet que estão relacionados ao movimento brega funk. Em entrevista concedida em abril de 2024, Alexandre mostrou que o perfil oficial no Instagram teve 14 milhões de acessos.

“Em alguns outros períodos, já atingimos entre 25 e 27 milhões de acessos”, diz o co-criador da Brega Bregoso. A maioria dos seguidores são da Região Metropolitana do Recife e de João Pessoa, na Paraíba, e 70% do seu público está na faixa etária de 18 a 34 anos. Em junho de 2024, o perfil no Instagram contava com 2,7 milhões de seguidores.

Além de divulgação e identificação com a cultura local, as páginas também são responsáveis por empregar direta e indiretamente pessoas para a equipe, trazendo metas e profissionalização do trabalho. Alexandre conta que, no começo,

apenas ele e Eliabe King faziam as publicações. Em 2017, eles criaram o Instagram e o X (antigo Twitter), época em que profissionalizaram o trabalho.

Hoje, a Brega Bregoso conta com uma equipe fixa de seis funcionários e algumas demandas estão terceirizadas. Para o universo brega e particularmente do brega funk, eles sempre fazem divulgação de artistas, influenciadores e lançamentos. Em 2021, criaram o BregosoCast e passaram a entrevistar personalidades locais no YouTube. Aos domingos, o podcast é televisionado na TV Guararapes, filiada à TV Record.

Já a página de humor “Putzvéi” tornou-se a que hoje é conhecida como “Recife Ordinário”. Criada em 2018, a página começou publicando apenas memes. Em 2019, o produtor Rei entrou na equipe e passou a ser responsável pela produção de conteúdo cultural, que ele muito se identifica. “Eu não apenas falo de música, mas também trabalho com músicas e artistas independentes, grafite, música, cinema e artes plásticas”, diz ele.

Rei conta que começou escrevendo sobre a história do Recife e música, por exemplo. Depois da pandemia, eles deixaram de publicar apenas textos e começaram a produzir vídeos e conteúdos na rua. “Nós sempre damos espaços para os artistas, fazemos entrevistas, matérias, coberturas de eventos, como shows e gravações de DVD, e também fazemos colaborações com a página Brega Bregoso, principalmente quando se trata de brega”. Em junho de 2024, a página Recife Ordinário somava 1,9 milhão de seguidores.

Acompanhando de perto essa cena cultural pernambucana, o jornalista Emmanuel Bento explica como surgiu uma “cultura de subcelebridades” em torno do ritmo. “Isso está presente na cultura pop, nas revistas dos anos 2000, no Brasil também, mas o brega funk, por ter nascido nesse contexto digital, toda essa questão vai migrar para as redes sociais. Então, vão surgindo essas páginas que se dedicam a acompanhar o cotidiano dessas celebridades, que aí podem ser cantores, influenciadores de diversas naturezas que atuam nessa cena”.

Com o surgimento de páginas dedicadas a acompanhar o cotidiano dessas novas celebridades, Bento explica que a visibilidade nas redes sociais se tornou um

valor em si. Estar nessas páginas é garantia de visibilidade, criando um ecossistema midiático de notícias e páginas que alimentam a necessidade de polêmica e fofoca.

Acompanhando algumas dessas páginas de fofoca, como @brasilbregafunk e @oamarelinhoof, percebe-se uma cultura de subcelebridades e de posts pagos para divulgar “notícias” sobre as pessoas da cena. É também um espaço de divulgação de jogos de azar, até porque muitos desses produtores de conteúdo são patrocinados por plataformas diversas.

Com todos esses fatores, muitos jovens veem a produção de conteúdo e entrada no circuito brega funk como oportunidade de ascensão social. Em participação no “Babado Podcast”<sup>23</sup>, o artista Anderson Neiff conta sobre mudanças nas formas de monetizar o trabalho. “Os MCs das antigas dependiam dos shows para faturar, os de agora não dependem mais. Eu mesmo não dependo de show”. Ao observar artistas da cena, nota-se que eles vendem um estilo de vida.

No entanto, essa nova onda digital não está isenta de desafios. A sexualização, por exemplo, é uma questão forte no brega funk. Embora não seja necessariamente problemática, começam a surgir episódios como o vazamento de vídeos íntimos, refletindo problemas presentes na sociedade mais ampla. Alguns desses episódios de vazamentos de vídeos íntimos aconteceram durante as apurações desse TCC.

Ao entrar nas páginas, percebi que outras pessoas estavam buscando lucrar em cima da curiosidade. Um artista da cena, que prefiro ocultar o nome para não dar ibope, postava vídeos reagindo ao vídeo erótico, usando o recurso de tela verde, em que ele colocava o vídeo ao fundo e aparecia comentando sobre. Ele pedia para seu público olhar mais nos stories e lá disponibilizava links. Esses links, que supostamente seriam dos vídeos íntimos – o que claramente é crime – na verdade, direcionavam para sites de jogos de azar, daqueles em que o divulgador recebe de acordo com o número de acessos.

Além disso, a superexposição, especialmente de meninas muito jovens, é uma outra preocupação crescente. Vemos muitas jovens com grande exposição nessas páginas e em suas próprias redes, muitas vezes em contextos sexualizados.

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pqn9x54bOl8>> Acesso: 10/03/2024.

Essas são questões que surgem porque estão acontecendo na sociedade e, sobretudo, no contexto da periferia, onde algumas coisas podem ser naturalizadas.

Esses problemas precisam ser analisados e discutidos. Enquanto o brega funk continua a crescer e a se adaptar ao seu ambiente digital, é crucial que continuemos a questionar e a entender as complexidades dessa nova onda cultural. Afinal, a música é um reflexo de nossa sociedade, e o brega funk não é exceção.

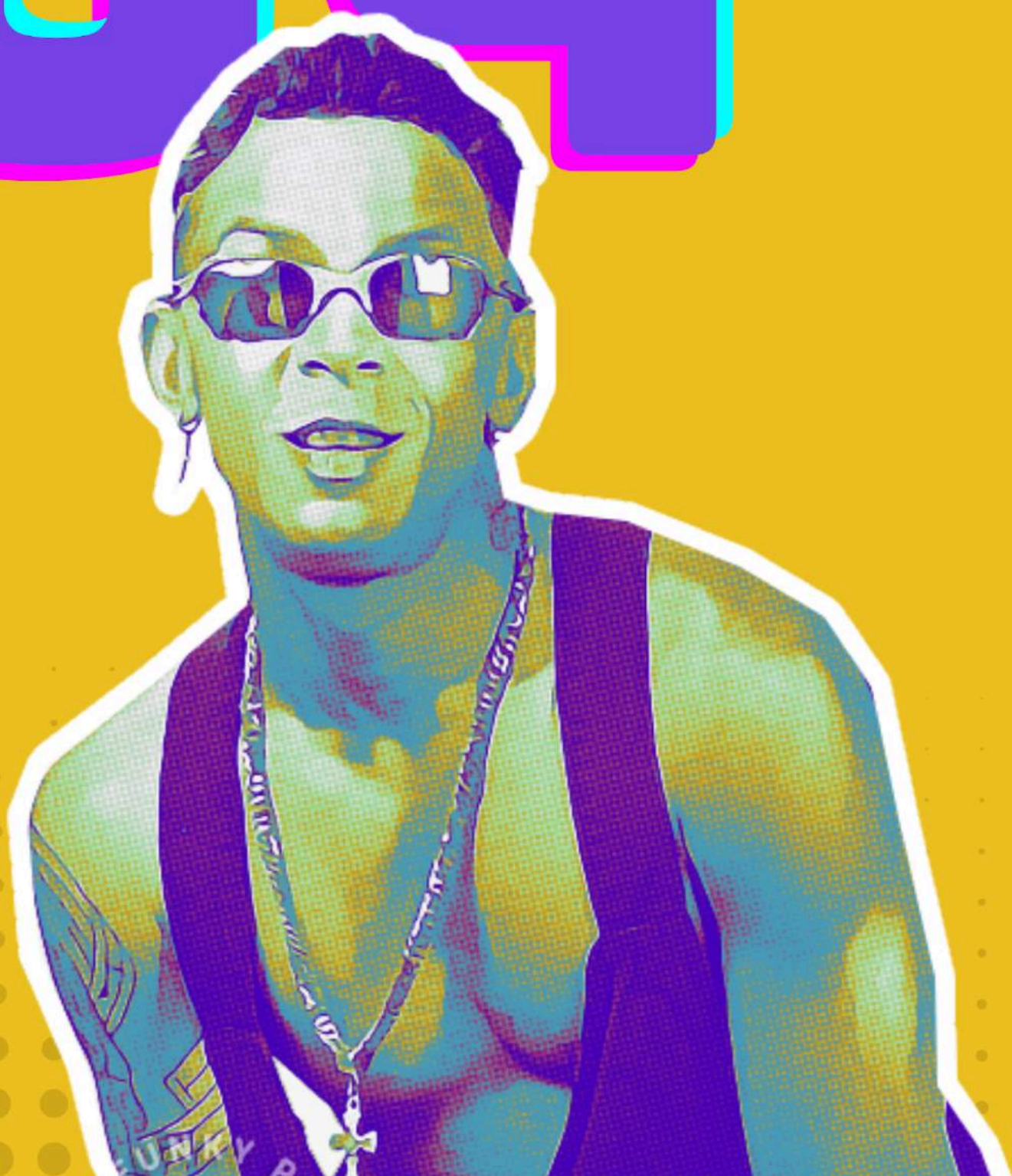
A profissionalização do segmento também foi apontada por muitos entrevistados. As batidas criadas se transformam e ganham outros elementos, o que é positivo. JS O Mão de Ouro e o produtor Rei veem nas letras uma barreira para o gênero conquistar outros públicos. “A batida é muito comercial e internacionalmente ouvida. Já vi muitos vídeos de pessoas do continente asiático, por exemplo, dançando e replicando as coreografias mesmo sem conhecer a letra. Talvez seja um ponto para trabalhar e conquistar outros públicos”, comenta Rei.

Os artistas do segmento vêm experimentando outros ritmos e não se prendem apenas a um gênero musical, fluindo e experimentando outras batidas, como trap e até criando o que chamam de brega trap. Essas novas vertentes são maneiras de experimentar e expandir possibilidades, mostrando a fluidez dos artistas.



CAPÍTULO

# 04



## **CAPÍTULO 4 DA LOUSA AO LATTES: O BREGA FUNK NA ACADEMIA**

Nas ruas, o ritmo é contagiante e na Academia, um fenômeno agora digno de estudo. O brega funk, movimento que começou nas periferias do Recife, não apenas conquistou o Brasil, mas também chamou a atenção dos acadêmicos de duas universidades públicas do estado, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Universidade de Pernambuco (UPE). Neste capítulo, exploraremos como o brega funk transcendeu as fronteiras do entretenimento para se tornar um objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento e linhas de pesquisa.

Com suas batidas marcantes e letras que retratam o cotidiano da juventude urbana, o brega funk agora é tema de artigos, livros, dissertações e teses. Jornalistas, professores de Letras, História e Geografia, por exemplo, buscam entender o impacto cultural e social desse gênero musical da periferia recifense.

Neste capítulo, nos aprofundamos nas entrevistas com esses pesquisadores já mencionados, cujas produções foram essenciais para o desenvolvimento deste livro-reportagem. Acompanhe-nos neste passeio acadêmico do brega funk, em que especialistas discutem sua influência na identidade cultural brasileira, seu papel como expressão artística e sua contribuição para o debate sobre a dinâmica social nas cidades. Este capítulo é sobre quem pesquisa. Destaco, também, o papel deles como docentes, seja no ensino básico como no superior. Essas pesquisas mostram, também, a importância das pessoas da periferia ocuparem os espaços acadêmicos - e mais onde elas quiserem - para trazer para a academia e redigir em normas ABNT as estéticas e fenômenos socioculturais que acontecem nas ruas do Recife e região metropolitana.

Nas pesquisas dos acadêmicos aqui abordados, percebemos que questões-chave como o preconceito com o brega funk não se limita à letra ou ao ritmo, mas também está ligado a estigmas sociais e à forma como certas produções são avaliadas de forma diferente dependendo de quem as interpreta. Perpassa, também, onde estão esses sujeitos e quais os resultados do Brega recifense como um todo e também do gênero brega funk.

## **O Ritmo do Brega Funk e Sua Espacialização: Uma Conversa com o Professor Túlio Felipe**

A 500ª defesa no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGEO-UFPE) foi marcada por bolo e ritmo de brega funk. O professor de Geografia, Túlio Felipe Silva da Paz, defendeu recentemente sua dissertação intitulada “O ritmo brega funk e a sua espacialização: um estudo a partir da comunidade do Alto José do Pinho, Recife (PE)”. Em uma entrevista, ele compartilhou suas percepções e experiências sobre o brega funk e a influência na cultura e na educação.

A escolha do brega funk como tema central da pesquisa de Túlio surgiu de suas experiências pessoais desde a infância, influenciadas pela família e amigos. Morador do município de São Lourenço da Mata durante grande parte de sua vida, ele acompanhou as transformações do gênero, desde o Brega Pop e Romântico até o surgimento do Brega Funk em sua adolescência.

Durante a graduação, Túlio se mudou para o bairro Alto José do Pinho, situado nas áreas de morro da Zona Norte do Recife. Esse bairro é conhecido pelo fervor cultural e berço de bandas e grupos culturais, de diferentes estilos musicais, desde Maracatu, bandas de rap e rock ligadas ao Movimento Mangubeat e, claro, MCs de Brega funk. Essa convivência e sentimento de pertencimento justificaram seu interesse em levar o brega funk e o bairro Alto José do Pinho como objetos de pesquisa sob a ótica da Academia. Na tarde de 20 de fevereiro de 2024, Túlio defendeu sua dissertação e se tornou Mestre em Geografia.

Como educador, Túlio busca inserir os alunos em sua própria realidade. Ministrando, em média, 16 aulas semanais em duas escolas diferentes, ele observa que os jovens ouvem muito o brega funk e, apesar de não se importarem com a questão moral da letra, o professor consegue relacionar o gênero com o cotidiano dos estudantes.

O mestre em Geografia analisa que a questão moral sempre tenta limitar as expressões artísticas e quando elas fogem do hegemônico, incomoda. “O passinho dos malokas é parte integrante do brega funk, eles são inerentes. A grande maioria

dos jovens praticantes do passinho utilizam a dança como mecanismo para fugir das drogas e da violência que lhes é associada desde o nascimento na periferia. O investimento em políticas públicas serviria de base para combater as desigualdades sociais nas periferias”.

Em sua dissertação, Túlio abordou o papel do espaço cibernético. Desde os carrinhos que vendiam CDs pirateados, ao uso de blogs de compartilhamento de arquivos de música e a explosão das músicas nas plataformas de streaming, redes sociais e YouTube, Felipe percebe o uso desse espaço para além da produção musical, funcionando também como um mercado de influência digital e divulgação do brega funk como um estilo de vida. Em sua dissertação, ao entrevistar grupos de passinho dos maloka, ele conta que mostrou como muitos daqueles participantes usam a música e a dança para buscar independência e correr atrás de seus sonhos, alguns vieram de municípios distantes para buscar oportunidades na capital, como Caruaru, a 120 quilômetros do Recife.

Túlio acredita que a aprovação do Dia Nacional do Brega pela Câmara dos Deputados seja um estímulo em nível nacional para o fortalecimento através de políticas públicas. Ele vê o brega funk como uma arte juvenil que pode ser aproveitada no combate às desigualdades e à violência.

De camisa preta, Túlio Felipe e a banca examinadora na defesa do mestrado



Reprodução: Instagram

## **Do funk de galega ao brega funk: Jaciara Gomes e a Análise Crítica Discurso**

Jaciara Gomes tem uma trajetória que se entrelaça com a história do brega funk pernambucano. Tudo começou em 2005, quando era professora contratada na Rede Estadual de Ensino. Ela percebeu o forte envolvimento de seus estudantes com o funk pernambucano da época, ainda distante do brega funk que conhecemos hoje.

Docente de Língua Portuguesa, Gomes notou que o funk era uma paixão entre seus estudantes, especialmente entre os rapazes, muitos dos quais sonhavam em ser MCs e já produziam suas próprias composições. Ao lecionar na Escola Padre Machado, no bairro de Casa Amarela, enfrentou desafios para engajar alguns alunos do ensino fundamental nas aulas.

Buscando maior participação, ela se aproximou dos estudantes e descobriu a paixão deles pelo funkeiro MC Leozinho O General que, como já explicado em capítulos anteriores, acabou adotando a alcunha MC Leozinho do Recife. Isso a inspirou a reformular suas aulas, incorporando elementos do funk, o que também influenciou o tema de sua pesquisa de doutorado.

Com as turmas, Jaciara desenvolveu um projeto temático sobre violência, aproveitando o interesse dos alunos pelos funks proibidos que retratavam disputas entre comunidades. O projeto explorou, além de notícias, reportagens, crônicas e contos, também letras de raps e funks, o que foi essencial para conquistar o envolvimento dos alunos.

“Muitos meninos que não estavam muito interessados na minha aula eram rapazes que tinham uma prática, uma proximidade com o funk, inclusive de produzir letras. E o grande sonho, consequentemente, era ser MC. Era fazer parte desse mundo. E aí eu comecei a ficar muito encantada com isso”, conta a Doutora em Letras.

Na época, Jaciara teve acesso a algumas letras compostas pelos estudantes e, embalados pelo “funk de galera”, as composições exaltavam o grupo que eles faziam parte em detrimento do grupo rival, que é provocado normalmente para o

combate verbal, como ela relata em seu livro “Do Recife para o mundo: os significados do (brega) funk pernambucano”, lançado em 2021 pela editora Pimenta Cultural.

Enquanto concluía sua especialização em Leitura, Produção e Avaliação Textual e se preparava para o mestrado, ela escreveu um projeto envolvendo o funk, mas decidiu guardar a questão para um projeto futuro. No mestrado na área de Linguística, cursado entre os anos de 2006 e 2008, desenvolveu a pesquisa intitulada “Discurso feminino: uma análise crítica de identidades sociais de mulheres vítimas de violência de gênero”. Assim, em 2009, já no doutorado, mergulhou no universo do brega funk, justamente no momento em que o gênero estava passando por transformações significativas.

"Nesse desenvolvimento eu ingressei no doutorado em 2009, exatamente no momento de surgimento do brega funk e da explosão de outras figuras nessa cena cultural", relembra. Este foi um momento de transição cultural significativo: MC Leozinho do Recife - aquele admirado pelos estudantes de Jaciara na Escola Padre Machado - , antes apenas do funk, agora também é precursor do brega funk, ou funk brega; e o surgimento de novos artistas como MC Sheldon, MC Cego e MC Metal. Algumas canções destes MCs foram objetos de pesquisa durante o doutoramento da Jaciara.

“Desde então (de 2005), venho pensando em estudar o interesse dos jovens por esse mundo; investigar as letras, já que meu campo de formação e atuação é a palavra, o discurso; e também porque as letras são bastante representativas da juventude de classe menos favorecida economicamente, em geral. Esse fato, além de revelar a aproximação entre professores e alunos, traz ainda à tona problemas sociais”.(Gomes, 2021 p.20)

Em seu doutorado, Jaciara Gomes assumiu a Análise Crítica do Discurso (ACD) como campo teórico para a análise dos significados do (brega) funk, adotando uma análise tridimensional do discurso<sup>24</sup>. A tese foi defendida em 2013

---

<sup>24</sup> Concordamos com a utilidade da teoria tridimensional porque ela compreende o discurso em diferentes perspectivas. A saber: I. a dimensão textual que considera as palavras, as orações e estrutura do texto; II. a dimensão da prática discursiva que compreende os processos de produção, distribuição e consumo, e III. a prática social que trata mais especificamente da ideologia e da hegemonia como categorias fundamentais para construção, manutenção ou reformulação do discurso e da sociedade (Gomes, 2021 p. 29)



com o título “Tudo junto e misturado: violência, sexualidade e muito mais nos significados do funk pernambucano”. Nele, a pesquisadora também discute como o (brega) funk sofre estigmas como “música de preto, favelado, bem como continuam sendo responsabilizados por propagar a violência e a prática de sexo livre”.

Desde 2011, Jaciara atua como professora adjunta na Universidade de Pernambuco. Destes, foram 12 anos lecionando no campus de Garanhuns, no Agreste Pernambucano, a aproximadamente 230 quilômetros do Recife. Em 2022, passou a atuar no campus da Mata Norte, no município de Nazaré da Mata, a 53 quilômetros da capital pernambucana.

Com sua chegada à Universidade de Pernambuco, no Campus Garanhuns, ela rapidamente se viu cercada por estudantes que compartilhavam de seu interesse pelo (brega) funk pernambucano. Ela destaca que, apesar de não ser a única a explorar esse campo na universidade, sente que ampliou as possibilidades para seus estudantes. O interesse de Gomes pela cultura periférica e pelas questões étnico-raciais tem sido o foco de sua pesquisa, com o brega funk servindo como um ponto de partida para explorar essas temáticas mais amplas.

Ao chegar à Mata Norte em meados de 2022, Gomes continuou a orientar pesquisas significativas, ainda não especificamente sobre brega funk, mas com trabalhos sobre rap e a construção do homem coletivo através das letras de Chico Science e Nação Zumbi. Seu compromisso com a juventude e a cultura periférica ressoa em seu trabalho, atraindo estudantes interessados e expandindo as possibilidades de pesquisa dentro de seu curso.

A docente destaca que seu interesse vai além da música, focando especialmente nas questões étnico-raciais e na cultura periférica. Ela ressalta que o preconceito com o brega funk não se limita à letra ou ao ritmo, mas também está ligado a estigmas sociais e à forma como certas produções são avaliadas de forma diferente dependendo de quem as interpreta.

Em 2021, Jaciara lançou de forma independente o livro “Do Recife para o mundo: os significados do (brega) funk pernambucano”, pela editora Pimenta Cultural. Foi feita uma tiragem de 40 exemplares impressos e o livro está disponível

---

em formato digital. Nele, a linguista revisitou sua tese e incluiu outros estudos mais recentes, como os do professor Thiago Soares, referência em estudos sobre música brega pernambucana.

Gomes aborda o tema dos estigmas associados ao funk, enfatizando que a visão negativa e generalizada do gênero muitas vezes ignora a diversidade e a riqueza cultural que ele representa. Ela argumenta que o estigma e a marginalização surgem de uma sociedade desigual e racista, onde as produções culturais das comunidades periféricas são frequentemente mal interpretadas ou desvalorizadas.

A professora compara a trajetória do funk com a do samba, que também enfrentou resistência antes de ser reconhecido como um elemento representativo da identidade nacional brasileira. Ela ressalta que o processo de generalização e a atribuição de estereótipos negativos a certas produções culturais são estratégicos, servindo para reforçar preconceitos e ocultar questões sociais mais profundas.

Gomes cita o documentário “Eu Vou Rifar Meu Coração” (2011), como um exemplo de como o brega é percebido de maneira diferente dependendo de quem o interpreta. “A música brega, quando cantada por Agnaldo Timóteo, é recebida de forma negativa, mas se interpretada por artistas como Maria Bethânia ou Gal Costa, é vista sob uma luz diferente”.

Ela conclui refletindo sobre como o brega funk, uma produção nordestina e periférica, é avaliado negativamente em um contexto nacional, questionando quem faz essas avaliações e o que exatamente está sendo avaliado. Gomes aponta para a necessidade de reconhecer e valorizar as produções culturais do Nordeste, que são ricas e diversas, e de combater os preconceitos e discriminações que ainda persistem



Reprodução: Instagram

### **GG Albuquerque e as sonoridades periféricas**

No Ensino Médio, ao prestar vestibular para cursar Jornalismo, Gabriel já tinha escolhido a área que atuaria. “Eu sempre quis ser jornalista de música. Então, eu ouvia todos os tipos de música possíveis, de música clássica, aos principais discos de heavy metal, muita música eletrônica e ouvia tudo que fosse, o que me ajudou criando um vasto repertório”, justifica.

GG Albuquerque, jornalista, crítico musical e pesquisador, traz consigo uma bagagem rica em músicas experimentais e eletrônicas. Essa vivência o conduziu a uma conexão profunda com o brega funk e o funk, permitindo que ele os sentisse de maneira única. No entanto, seu interesse não se limita apenas à sonoridade; GG mergulha na produção musical, desvendando como esses ritmos são construídos. Seu olhar o levou a pesquisar no doutorado músicas eletrônicas negras da diáspora, incluindo o funk, o brega funk e movimentos de países africanos. Sua paixão pela tecnologia e pela música se entrelaçam, criando um panorama vibrante e diversificado.

Atuando como jornalista desde 2015, já escreveu para veículos como a Vice Brasil, Portal Kondzilla, UOL Tab, Outros Críticos e Jornal do Commercio. Em 2019, apresentou o documentário “O brega funk vai dominar o mundo”<sup>25</sup>, produzido pelo Spotify. Albuquerque também é co-diretor do longa “Terror do Mandelão”, que aborda o som, a tecnologia e o mercado de trabalho dos bailes funk de quebradas em São Paulo.

O seu trabalho como pesquisador e jornalista se entrelaçam na forma que aborda e traz conteúdos nas redes sociais. Doutorando em Estéticas e Culturas da Imagem do Som, ele ministra cursos com temas como “Estéticas e escutas periféricas” e “Afrotônicos: músicas eletrônicas africanas e diaspóricas”. Em 2015, GG criou o blog Volume Morto, que foca em práticas experimentais do som e música. Já o Portal Embrazado, em que é co-fundador, é dedicado às culturas musicais das periferias brasileiras.

No campo acadêmico, o doutorando pontua que o brega funk se tornar objeto de pesquisa tem relação com o enegrecimento das universidades públicas, através das políticas de cotas. “É inevitável pensar nessas mudanças da universidade e não pensar nas cotas e inserção desses jovens no ensino superior”, contextualiza. Com isso, uma abertura considerável se manifesta, especialmente entre a geração mais jovem e esses estudantes

Nesse contexto, GG explica que o brega funk emerge como um tema multifacetado, explorado por meio de lógicas diversas, como culturas de fãs, economia, representação e performance. Embora a maioria dos professores ainda

---

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3qLr-qLt1k> Acesso: 25/11/2023

seja branca, esses estudantes provocam uma transformação nas bibliografias e na sala de aula. O brega funk, visto como marginalizado, agora ganha legitimidade acadêmica, graças à vitória dos movimentos negros e ao reconhecimento de sua criatividade vibrante.

Em 2018, o jornalista produziu uma série de reportagens sobre o brega funk, desde a origem do ritmo a se transformar num movimento cultural recifense que foi conquistando o Brasil. Ele analisa, também, as mudanças que o próprio ritmo vem passando, principalmente dentro da atual lógica de produzir hits para viralizar nas redes sociais.

Sobre políticas públicas relacionadas ao movimento brega, GG ressalta a necessidade de pensar uma política pública de cultura e educação, não apenas de entretenimento. “Não é apenas fazer um show no palco do Carnaval do Recife, que só privilegia levando artistas de grande nome. São necessários incentivos e investimentos para poderem chegar neste lugar”, reflete.

Como exemplo, ele destaca a importância de reconhecer as potências dessas pessoas, que criaram e criam sonoridades em situações com poucos recursos e tecnologia, para que a política pública de fato chegue até elas. “Grandes produtores do brega funk, como J.S. O Mão de Ouro, Marley no Beat e DG começaram a produzir através da experimentação e da “gambiarra”.

GG conta que o ritmo que marca o passinho foi criado pelo Marley no Beat utilizando notebook fornecido pela rede estadual de ensino. “Anos depois de uma política que não era voltada para a música e a cultura das periferias, ele começou a fazer música. Isso deu fruto no passinho, que acabou sendo o que é, um capital turístico importante para Pernambuco e revitalizou o gênero brega funk.”



Reprodução: Instagram

### **Thiago Soares, ninguém é perfeito**

Ao pesquisar sobre brega pernambucano, bastam alguns cliques para encontrar o nome do professor Thiago Soares como fonte ou autor de reportagens de textos acadêmicos.

O professor Thiago Soares, do Departamento de Comunicação Social da UFPE e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), é um pesquisador e jornalista cultural que se dedica a explorar a riqueza e complexidade da música brega em Pernambuco. Seu livro intitulado “Ninguém é Perfeito e a Vida é

Assim: *A Música Brega em Pernambuco*” é uma obra relevante que merece destaque. Lançado em 2017, é composto por textos do docente e ensaio fotográfico do Chico Ludermitr. Em 2018, a obra foi finalista do Prêmio Jabuti de Literatura em 2018, concorrendo na categoria Ensaio - Economia Criativa. Desde então, a relevância sociocultural e a abordagem detalhada tornaram uma referência importante para quem deseja compreender a música brega em Pernambuco.

O livro reúne uma série de ensaios elaborados entre 2005 e 2016 e são um verdadeiro passeio pela a história da música brega pernambucana, mostrando que o brega vai muito além do gênero musical. “Eu pesquiso música e cultura Pop e, para mim o brega sempre foi a música Pop de Pernambuco”, conta Thiago em entrevista à ASCOM UFPE. No prefácio do livro, Micael Herschmann, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pontua que entre outras questões, a obra aborda a ideia de “qualidade musical” associada ao universo do brega na cidade do Recife. Ele destaca o preconceito social por parte da crítica e da elite local, que consideram certas expressões culturais como excelentes, mantendo a música erudita como principal referência para o “padrão de bom gosto”<sup>26</sup>.

Segundo o professor, já se pesquisa música brega pelo menos desde os anos 90. “Essas pesquisas exploram a natureza desse gênero musical e sua relevância cultural. Um marco importante foi o livro ‘Eu Não Sou Cachorro Não’, escrito por Paulo César de Araújo, que é o primeiro grande estudo sobre música brega”, conta Soares. Lançado em 2002, Araújo investigou o engajamento político dos artistas de música brega durante a ditadura militar. “O livro é considerado um oásis de conhecimento nesse campo, porque me parece como uma redescoberta da música brega”, explica.

O pesquisador contextualiza que a partir dos anos 2000, houve uma redescoberta da música brega, e diversos estudos surgiram. Por exemplo, em Pernambuco, pesquisas focaram inicialmente em Reginaldo Rossi, um ícone do brega. No Pará, o tecnobrega também se tornou objeto de análise. Além disso, no Maranhão, o brega é conhecido como “seresta” e também tem sido tema de estudos.

---

<sup>26</sup> Disponível em: <[https://youtu.be/ATUwLwwGV2Q?si=0q\\_6iqGAVEwrzDOU](https://youtu.be/ATUwLwwGV2Q?si=0q_6iqGAVEwrzDOU)> Acesso: 18/03/2024



Thiago também destaca a importância dos estudos acadêmicos sobre o movimento e pontua que essas pesquisas também estão associadas ao acesso das classes populares às universidades públicas, através, por exemplo, das políticas de cotas. O jornalista defende que não adianta fazer uma universidade desvinculada do real e, partindo do brega, é possível discutir e pesquisar sobre essas tensões.

“A música brega está em vários contextos, em diversos lugares do Brasil, mas o brega funk, ele é um fenômeno de Pernambuco. Ele é justamente essa abertura de uma juventude que gostava da música brega e resolveu acelerar, sexualizar o gênero”, conta.

Na universidade, o docente aponta que a pesquisa sobre brega funk é uma área contemporânea, com poucos estudos disponíveis, mas que vem crescendo. Na edição de 2017 do livro “Ninguém é Perfeito, a Vida é Assim”, há um capítulo que aborda a “Funkização do Brega”, referindo-se ao processo de abertura do brega para o funk, especialmente o brega funk produzido por jovens negros, com batidas metálicas e estética de gangster adotada pelos primeiros MCs.

Em 2021, foi lançada a versão ampliada do livro, com o capítulo “Brega Funk, a racialização do brega”. “Muitos artistas do brega funk foram alvo de racismo, sendo impedidos de tocar em alguns eventos, tem o passinho dos malokas, que é muito hostilizado pela polícia. Então, eu começo também a abrir uma série de problemas raciais em decorrência da ascensão do brega funk”, explica.

Thiago enxerga o livro - e também o estudo do brega - como um movimento político dentro da Academia, que sempre foi elitista, segregacionista, branca e marcadamente masculina e heterossexual. Durante as pesquisas para este livro, encontrei dissertações, artigos apresentados em congressos abordando o brega pernambucano e especificamente o brega funk em diversas áreas e linhas de pesquisa, desde a Comunicação Social, Música, Antropologia, Letras, Geografia, História a Design, mostrando as diversas possibilidades de trazer novas discussões para a Universidade.



Reprodução: Instagram

### **“Brega não é só didático, é potencializador”: Frederico Neto e a relação entre Brega e o Ensino de História**

Desde que conheci Fred, em 2011, ele já inseria referências *bregosas* em sua prática docente: camisas com músicas e artistas, frases na lousa atribuindo trechos de músicas de brega a pensadores mundialmente reconhecidos, paródias para ensinar alguns temas. Confesso, também, que acompanhar o trabalho dele me fez começar a refletir sobre a cultura brega e periférica. Entre 2011 e 2016, trabalhamos juntos como professores voluntários no Projeto Rumo à Universidade (PRU), que há mais de 20 anos é referência na preparação de estudantes e pessoas de baixa renda para o vestibular.

Frederico Vitória da Silva Neto é professor de História, Filosofia e Sociologia. Também é mestrando em Ensino de História e graduando em Direito, todos pela UFPE. “Apesar dessas titulações, eu fui criado na comunidade de Cardoso que, como muitas comunidades e periferias do Recife, tem o brega como um grande fator

cultural, seja o brega antigo ou brega funk. Isso foi algo que sempre esteve presente na minha vivência e a minha experiência nessa comunidade influenciou nas minhas escolhas”, contextualiza.

O docente ressalta a importância de trazer o brega para a sala de aula, uma vez que, durante sua formação, nunca viu o gênero ser tratado como digno de estudo. Sua experiência pessoal na comunidade do Cardoso, na Zona Oeste do Recife, moldou seu desejo de integrar essa expressão cultural no ensino de História.

“Quando eu era estudante, percebia que os professores sempre viam o brega com desvalor, como uma cultura inferior”, reflete. Ele menciona uma professora de História que o inspirou a seguir a mesma carreira, apesar de ela nunca ter reconhecido o valor do brega. Neto destaca também a contradição de rejeitar o brega na sala de aula, mas aceitá-lo em festas escolares, apontando para um preconceito persistente que, embora esteja mudando, ainda é muito presente.

Fred ministra cerca de 50 aulas por semana, distribuídas em três municípios de dois estados diferentes. Ele trabalha como contratado no município do Cabo de Santo Agostinho por dois dias, leciona em uma escola particular no Recife durante um dia e, às quintas e sextas-feiras, ensina em uma escola estadual no município de Alhandra, na Paraíba, onde é professor efetivo. Além disso, em alguns sábados, ele continua a ensinar em projetos sociais que preparam estudantes para o Enem e concursos públicos.

Em sua jornada acadêmica, o historiador destaca que seus estudos ocorrem nas madrugadas, aproveitando qualquer intervalo disponível, como nas janelas entre uma aula e outra. Como é professor de escola regular, unidade não adepta ao ensino de tempo integral, Frederico enfrenta o desafio de conciliar o tempo para estudar com suas obrigações profissionais, sem contar com normativas que permitam licenças para estudo sem penalidades financeiras. Essa realidade não é exclusiva dele, mas compartilhada por muitos colegas que optaram por manter suas rotinas sem alterações devido ao processo burocrático e às perdas salariais envolvidas.

Frederico Neto percebe que, no ambiente escolar, o brega geralmente está presente nas festividades escolares, como festas de estudantes, apresentações

culturais e jogos escolares. No entanto, essas apresentações são monitoradas devido à questão da “pornofonia” (letras com palavrões e sexualizadas) e dos gestos considerados obscenos no brega. Portanto, geralmente é apresentada uma versão mais “light” do brega. Ele também menciona que poucos professores utilizam o brega como um recurso didático, sendo mais visto como entretenimento.

“Há uma conexão histórica entre o ensino de História e a música brega, frequentemente subestimada. No entanto, gosto muito de destacar autores como Marcos Napolitano, Edilson Chaves e José d’Assunção Barros, que não apenas reconhecem, mas também exploram o potencial da música popular como uma ferramenta valiosa no ensino de história. Esses estudiosos estabelecem um diálogo entre a música e as fontes históricas, abrindo novas possibilidades para enriquecer a educação histórica”, explica o docente.

Fred destaca a importância de incorporar o brega, um gênero musical enraizado na vivência e na cultura recifense, no ensino de História. Ele cita que existem estudos em outros estados, como no Pará e no Maranhão. O professor destaca a importância do registro e documentação, que estudos sejam produzidos sobre o brega no Recife e no estado de Pernambuco. Ele observa que, apesar da existência de estudos em outras áreas de pesquisa, como na Antropologia, o que seu trabalho é pioneiro no contexto do brega e ensino de História, sendo o primeiro no Mestrado Profissional de Ensino de História da Federal de Pernambuco.

O docente ressalta a necessidade de adaptar o currículo para refletir a realidade cultural dos alunos, incentivando um aprendizado mais crítico e relevante, especialmente na Região Metropolitana do Recife. Ele enfatiza que, embora respeite os músicos tradicionais, é essencial abordar conteúdos que ressoem com as experiências dos estudantes, alinhando-se com as reformas educacionais e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Fred discute como o brega, além de ser um gênero musical, serve como ferramenta para abordar temas mais amplos no ensino de história, como patrimônio, identidade e territorialidade. Ele usa o brega como ponto de partida para discutir questões complexas, como o racismo estrutural, exemplificado pela figura do “galeroso” na cultura recifense, um estereótipo associado à criminalidade e ao

preconceito racial. Fred argumenta que o brega não deve ser ignorado, mas sim compreendido e utilizado para explorar essas dinâmicas sociais em sala de aula.

“Eu utilizo o brega para abordar outros temas em ensino de história. É uma forma que vejo de potencializar o ensino, usar o brega, que é uma prática cultural periférica, como ponto de partida para inserir outros temas”, explica o pesquisador. Como recursos, Fred conta que já escreveu algumas paródias, por exemplo, com canções da MC Loma e Gêmeas Lacração para abordar sobre a Grécia Antiga e a cidade-estado.

Neto conta também que nunca sofreu repressão por parte da diretoria das escolas que trabalhou, tendo a liberdade de cátedra garantida e fundamentada. “Na rede privada, temos algumas diferenças em relação à liberdade que temos na rede pública. É necessário que eu apresente minha abordagem, explicando o que farei e como farei. Considero o contexto e a música escolhida. Apesar do monitoramento, nunca fui coagido a mudar minha metodologia. Isso me permitiu explorar o brega de forma autêntica e enriquecedora”, relata.

O professor destaca o brega funk como uma expressão cultural significativa que emerge nas escolas, especialmente na rede pública, refletindo a realidade dos estudantes. “Eles já chegam na escola tirando onda, fazendo o passinho, dançando e contando fofoca sobre os MCs”, explica sorridente. Como já abordamos anteriormente, a maioria desses estudantes respira o brega funk e vê no ritmo uma possibilidade de ascensão social, de se tornarem MCs ou dançarinos de grupos de passinho dos malokas.

Vale lembrar, novamente, que o uniforme da rede pública estadual de Pernambuco virou tendência no Tik Tok<sup>27</sup>. O fenômeno aconteceu espontaneamente em 2021, quando os estudantes, durante os intervalos das aulas, gravavam vídeos dançando brega funk ou piseiro e postaram nas redes sociais. Alguns destes vídeos bateram mais de 50 milhões de visualizações e o uniforme passou a ser cobiçado - e até indevidamente vendido - na internet. A camisa passou a ser utilizada para gravação de conteúdo até por quem já tinha saído da escola, pois perceberam que a

---

<sup>27</sup> BENTO, Emannuel. **Farda da rede pública de ensino de Pernambuco vira tendência no TikTok. Entenda.** Jornal do Commercio. 24/11/2021. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2021/11/14354476-farda-da-rede-publica-de-ensino-de-pernambuco-vira-tendencia-no-tiktok-entenda.html>>. Acesso: 25/04/2024.

entrega e alcance dos vídeos eram maiores quando estavam vestidos com a farda. Sim, em Recife chamamos de farda e não de uniforme - coisa que demorei a me acostumar quando vim trabalhar na rede pública municipal de São Paulo e os estudantes (e também professores) não entendiam quando eu falava “farda”.

Utilizando este exemplo da relação de brega funk e os estudantes, Fred explica que pode abordar assuntos como violência policial, racismo e Direitos Humanos. A figura do “galeroso”, por exemplo, é aquele rapaz de comunidade que utiliza bermudas largas, bigode fininho e piercings. Esse visual também é amplamente utilizado pelos estudantes e meninos do passinho dos malokas.

“Consideremos a figura do galeroso, o jovem da comunidade. É essencial questionarmos: quais são os direitos desse indivíduo ao ser abordado pelos policiais? Essa reflexão se torna ainda mais pertinente quando reconhecemos que nossos estudantes são na maioria pessoas negras, cujas histórias e direitos são frequentemente marginalizados”, explana.

Esta contextualização abordada por Fred me fez lembrar da matéria da jornalista e professora Fabiana Moraes, em que ela aborda a diferença entre a abordagem do uniforme nas redes sociais e nas ruas do Recife: “Para alunos, o uniforme os transforma em alvos da polícia. No TikTok, a mesma roupa virou um objeto cobiçado por jovens classe média”<sup>28</sup>, escreveu Moraes na matéria publicada no Intercept em 26 de julho de 2022.

Outro exemplo trazido por Frederico é a questão da musicalização. “Por que da mesma forma que trabalhamos a banda marcial nas escolas, não podemos ter um projeto com o brega? É uma forma de pensar em musicalização e profissionalização desses estudantes”, indaga Neto, reconhecendo que ainda se tem muito a avançar. “O brega não é só didático, é potencializador”, destaca.

Em novembro de 2023, a pesquisa do professor Fred ganhou as ruas e foi apresentada ao público na Avenida Guararapes, no centro do Recife, durante o evento Viva Guararapes. Um painel instagramável exibindo a linha do tempo da

---

<sup>28</sup> MORAES, Fabiana. O uniforme da rede pública é motivo de estigma e objeto de desejo de tiktokers. Intercept Brasil. 28/07/2022. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2022/07/26/o-uniforme-da-rede-publica-e-motivo-de-estigma-e-objeto-d-e-desejo-de-tiktokers/>> Acesso em: 25/05/2024.

história do brega e um dicionário com expressões características do brega recifense foram os destaques. O evento, que ocorre mensalmente e é promovido pela Prefeitura do Recife através da Secretaria Municipal de Cultura e Lazer, abordou naquele mês a celebração do brega e a consciência negra.



Imagem: Frederico Neto, 2023

Frederico ressalta a importância de reconhecer a humanidade e o valor dos bens culturais, como o brega, que são parte integral do patrimônio cultural pernambucano, reconhecido através da Lei Estadual em 2017 e municipal em 2021. O historiador argumenta que, embora o forró, maracatu e caboclinho sejam tradicionalmente celebrados em festividades, o brega é uma manifestação cultural presente durante todo o ano, desempenhando um papel vital na cultura de Pernambuco e que merece ser reconhecido como tal.

Parafraseando o também recifense Paulo Freire, Fred relembra que o Patrono da Educação defendia a consideração da experiência do estudante no processo educacional. “O brega é um espaço de discussão e identidade, abordando questões como a objetificação da mulher, o protagonismo juvenil e a própria linguagem. Quem vive essa cultura compreende essa rica relação, enquanto outros podem não captar totalmente essa vivência”, conclui.



CAPÍTULO

05



## CAPÍTULO 5 COMPOSIÇÕES FUTURAS

Qual o futuro do brega? Falar sobre perspectivas futuras é às vezes algo capcioso. Diante disso, traremos reflexões a partir dos panoramas apresentados ao longo das últimas páginas.

O primeiro ponto é o atual modelo de negócios, que é “um ecossistema que envolve produtoras e seus empresários, empresas de distribuição de música e contratantes de shows, e um novo componente que surgiu nos últimos sete anos e vem ganhando muito destaque, o mercado da influência digital, que inclui nessa atmosfera outros atores além dos artistas”, analisa Emmanuel Bento.

Bento aponta que o gênero ainda luta para alcançar a visibilidade nacional que ritmos como o funk do Rio de Janeiro conseguiram, em parte, devido à presença de grandes veículos de comunicação no sudeste do país.

Os desafios do ritmo são agravados por limitações entre os agentes centrais da cena, incluindo uma falta de formação formal e capacitação, tanto para empresários quanto para os próprios artistas. Além disso, a falta de planos mais ambiciosos muitas vezes impede o Brega Funk de alcançar espaços mais amplos.

Essa visão é compartilhada pelos jornalistas Thiago Soares, GG Albuquerque e Emmanuel Bento. Eles acrescentam, também, que ao invés de uma luta conjunta, eles veem uma preocupação maior em criar conteúdos virais e cada um preocupado com seus interesses pessoais.

“Eu acho que hoje o brega funk está mais focado no contexto nordestino, nas capitais mais próximas, como em João Pessoa, na Paraíba, onde o gênero é bastante popular, contando até com programas de TV locais dedicados ao tema. Os MCs estão construindo um público local muito forte”, conta GG.

O jornalista também analisa que o brega funk está retornando às suas raízes, ao seu local de origem. “No entanto, é provável que em breve possamos testemunhar outra onda de expansão, já que os MCs mantêm uma forte conexão com outros artistas, o que facilita a ampliação de seus vocais e, consequentemente, de sua influência”, complementa GG.

Apesar desses desafios, o brega funk tem feito avanços significativos, conquistando espaços até mesmo em eventos públicos bancados por prefeituras, como o Carnaval. O Movimento Brega, como um todo, principalmente os artistas do período anterior ao surgimento do brega funk, lutou bastante para que esses espaços fossem conquistados.

Quanto à adaptação dos artistas a esses desafios, os que estão em evidência já estão bastante consolidados no modelo de mercado atual, aliados a produtoras, empresários, influenciadores e o mercado de shows. Eles têm se adaptado bem às mudanças do mercado da música, conseguindo bons resultados em streamings e alcançando ampla visibilidade entre a juventude das periferias e da classe média.

No entanto, ainda há dúvidas se eles estão prontos para o que parece ser o maior desafio: a profissionalização da cena. Ainda assim, o brega funk recifense continua a ser um movimento dinâmico e vibrante, sempre pronto para enfrentar os desafios que surgem em seu caminho. E nisso também entra a questão da política pública efetiva. É impossível negar que o ritmo vem sendo utilizado como pauta política nos últimos quatro anos, uma ferramenta para se aproximar da periferia, e as propostas aprovadas também vieram com esse objetivo.

JS O Mão de Ouro, um dos principais nomes do brega funk, acredita que o movimento precisa passar por mudanças significativas para alcançar maior reconhecimento e fortalecimento. Segundo ele, os artistas devem focar em criar letras que possam ser apreciadas por um público mais amplo, incluindo todas as faixas etárias. Ele menciona que, em 2019, algumas de suas músicas não tiveram muita visibilidade por serem consideradas pesadas e restritas a um público maior de 18 anos. A solução, segundo JS, é produzir músicas que todos possam ouvir, cantar e dançar, independentemente do gênero.

Além disso, ele acredita que “produtores precisam modificar algumas coisas, integrar gêneros como afrobeat, reggaeton, e fazer a junção para que o movimento fique mais forte e diversificado”. JS O Mão de Ouro diz estar constantemente buscando inovar e trazer novidades para o movimento – o que ele considera como parte essencial de sua trajetória e algo pelo qual ele sempre lutará.

Partindo da visão de que muitos jovens da periferia veem no ecossistema brega funk uma oportunidade de ascensão social, é necessário incluir no debate algumas medidas para além do discurso. É fundamental pensar em ações que abordem o segmento não apenas criminalizando ou proibindo, mas que haja um diálogo e iniciativas a médio e longo prazo, envolvendo pastas da educação, segurança pública e cultura.

“A gente poderia ver essa expressão cultural na educação, através de formações para os professores, em livros didáticos e trabalhando outros temas. Já que estamos de uma perspectiva racial e social do jovem, por que não utilizá-lo como ferramenta pedagógica? Algumas propostas já aconteceram, como por exemplo, para discutir a questão do assédio e da violência contra a mulher. São caminhos possíveis que precisam de iniciativas e políticas públicas efetivas”, conclui o professor Frederico Neto.



## AGRADECIMENTOS

Expresso minha profunda gratidão às minhas mães, Lucinete e Maria José (tia e madrinha), por tudo o que sempre fizeram por mim. Somos cientes de todas as adversidades que superamos, e sou grata a Deus por ter duas mães tão maravilhosas. As palavras nunca serão suficientes para expressar todo o amor e gratidão que sinto por vocês. Esta conquista é nossa.

Agradeço à minha família pelo apoio constante e por sempre acreditar em minhas decisões, mesmo quando isso significou abrir mão de algumas confraternizações e momentos juntos. Meu sincero obrigada ao meu Papis Luiz, ao avô (Veão) Antônio, à avó Raimunda, às tias, tios, irmãs, irmão, primos, primas, sobrinhos, sogra e cunhada por tudo o que representam para mim. Vocês reforçam que, apesar da distância física, com a maioria morando no Maranhão e em Pernambuco, ainda assim compartilhamos vitórias, otimismo, desabafos e esperança. Amo todos vocês.

Ao meu esposo, Thiago, sou grata pelo apoio e companheirismo ao longo destes 10 anos. Amo-te imensamente, meu Mozi. Aos nossos gatinhos, Banguela e July, por encherem nossos dias de fofura e carinho. Sou imensamente feliz por compartilhar a vida com vocês.

Ao meu professor orientador, Dr. Rodrigo Pelegrini Ratier, expresso meus mais profundos agradecimentos e gratidão. Recordo-me do primeiro contato que tivemos, quando, na posição de co-diretora de Eventos da Jornalismo Júnior, o convidei para o evento 'Ecanos Ilustres'. Posteriormente, em 2019, no auditório da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, participei de uma formação para professores sobre o projeto 'Vaza, Falsiane!', ministrada por ele. Sempre admirei sua competência e dedicação profissional. Sou grata por sua orientação e por me ajudar a concluir este ciclo. Desejo tudo de melhor ao senhor e à sua família.

Sou grata às professoras Dra. Mônica Nunes e Dra. Agda Aquino por participarem da banca examinadora e pela leitura atenciosa do meu trabalho. Agradeço imensamente aos professores do Departamento de Jornalismo e

Editoração (CJE), cujos ensinamentos serão eternos em minha jornada. Estendo minha gratidão a todos os servidores e técnicos do departamento.

À Escola de Comunicações e Artes, sou grata pelas oportunidades que me foram oferecidas. Estudar na USP era um sonho distante, e vivenciei anos felizes com experiências incríveis.

Às turmas de Jornalismo de 2017, onde construí grandes amizades tanto do período matutino quanto do noturno. Me mudar para São Paulo, apesar de já ter família na cidade, representou um grande desafio. A convivência com jovens, alguns quase dez anos mais novos que eu, trouxe inseguranças sobre minha aceitação. No entanto, fui mais do que acolhida: criei laços fortes e aprendi muito com todos vocês. Nutro um carinho especial por cada um, sem exceções. A Ane Cristina, Gabriel Bastos, Júlia Mayumi, Renato Navarro, Matheus Souza, Maria Paula, Pietra Carvalho, João Malar, Anny Martins e Larissa Santos, minha profunda gratidão pela amizade ao longo destes anos. Obrigada por tudo!

À empresa Jornalismo Júnior, e em especial à gestão de 2018, pelo ano incrível e desafiador que compartilhamos. Minha gratidão é imensa.

Aos meus amigos e ao treinador do Atletismo ECA-USP, ser parte do time desde 2018 trouxe uma alegria imensurável ao meu coração.

Expresso minha gratidão à psicóloga Kenia Damaceno Costa e ao Dr. Raphael Nacarelli por me apoiarem em diversas fases da minha vida. Vocês são pilares importantes para mim e agradeço pelo carinho que transcende a relação profissional-paciente.

À Mariana Moi, por ser minha parceira no trabalho e trazer alegria aos meus dias, pelas ilustrações e criação da capa e conceitos visuais deste TCC. Amo você, Loren.

Ao meu queridíssimo Gabs, Gabriel Bastos, por revisar este TCC com tanto carinho e dedicação. Eu te amo muito! Sou grata por todos os momentos que compartilhamos desde 2017 e tenho muito orgulho de você!



Um super obrigada à Beatriz Carvalho, que teve a paciência de um anjo e a destreza de um ninja ao formatar este trabalho. E claro, por todas as gargalhadas que salvaram meu dia mais vezes do que posso contar. Você é demais, Bia!.

Aos meus queridos Gildo José e Isabella Oliveira, agradeço pela compreensão não apenas durante este período, mas também por todo o apoio e parceria que temos desde o final de 2022. Sou imensamente grata por tê-los em minha vida e desejo que alcancem seus sonhos, pelos quais lutam e se esforçam tanto. Amo vocês!

Às minhas 'Lorenas' — Beatriz Carvalho, Jamile Acauã, Mariana Moi, Rosana Lima, Eduarda Santos, Andresa Miguel e Laura Romão — por compartilharem os dias comigo e serem muito mais que colegas de trabalho. Agradeço também por suportarem minhas cantorias e por aprenderem comigo sobre o brega recifense. Vocês são incríveis.

Aos meus amigos professores Frederico Neto e Sueli Alves, agradeço pelas valiosas trocas durante a elaboração deste trabalho, nossas conversas repletas de memes, debates e desabafos.

Aos meus amigos de longa data Natália Pereira, Lucas Reis, Igor de Almeida e aos meus GeoAmigos Carolis, Thomaz e Derick, minha gratidão é eterna.

Agradeço a todos os amigos e amigas que cruzaram meu caminho desde 2018 na Rede Municipal de Educação da cidade de São Paulo. Guardo cada um em meu coração com imenso carinho e memórias inesquecíveis. Um agradecimento especial a Miriam Amorim, Analice de Araújo, Suellen Ferraz, Fabiana Ramos, Rita de Cássia e André dos Anjos.

Por fim, agradeço a todos que, porventura, não foram mencionados nesta lista devido a lapsos de memória, mas que foram essenciais para a conclusão deste ciclo.

Muito Obrigada!



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, GG. **O Baile da Paz mantém vivo o funk antigo do Recife**. Embrazado, 05/10/2020. Disponível em: <<https://embrazado.com.br/2020/10/05/o-baile-da-paz-mantem-vivo-o-funk-antigo-do-recife/>>. Acesso em: 20/05/2024.

\_\_\_\_\_, GG. **Por que a música da favela é chamada de periférica?**. Embrazado, 07 abr. 2021. Disponível em: <<https://embrazado.com.br/2021/04/07/por-que-a-musica-da-favela-e-chamada-de-periferica>>. Acesso em: 25/05/2024.

APPLE MUSIC. **O som de Pernambuco**. Disponível em: <<https://music.apple.com/br/playlist/o-som-de-pernambuco/pl.0c7d0565460a470c8d9418f4cc8d8bd1>>. Acesso em: 25/05/2024.

BENTO, Emannuel. **Farda da rede pública de ensino de Pernambuco vira tendência no TikTok**. Entenda. Jornal do Commercio. 24/11/2021. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2021/11/14354476-farda-da-rede-publica-de-ensino-de-pernambuco-vira-tendencia-no-tiktok-entenda.html>>. Acesso: 25/04/2024.

BENTO, Emannuel. **Brega vive reviravolta após décadas de exclusão pelo poder público**. Jornal do Commercio. 22/11/2023. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2023/11/15635661-brega-vive-reviravolta-apos-decadas-de-exclusao-pelo-poder-publico.html>>. Acesso: 25/11/2023.

BENTO, Emannuel. **Brega-funk**, um ritmo mutante: entenda transformações e desafios do gênero. 23/11/2023. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2023/11/15638006-brega-funk-um-ritmo-mutante-entenda-transformacoes-e-desafios-do-genero.html>>. Acesso: 25/11/2023.

BENTO, Emannuel. Carnaval do Recife: **Tayara Andreza 'ganha' show no Marco Zero após ser impedida de cantar no espetáculo 'Recife, Capital do Brega'**. 11/02/2024. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2024/02/15670956-carnaval-do-recife-tayara-andreza-ganha-show-no-marco-zero-apos-ser-impedida-de-cantar-no-espetaculo-recife-capital-do-brega.html>>. Acesso: 15/02/2024.

BRASIL. **Lei Paulo Gustavo** (Lei Complementar nº 195/2022).

Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei 2521/2021 Declara o Município do Recife**, no Estado de Pernambuco, como "Capital Nacional do Brega". Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2290668&fichaAmigavel=nao#:~:text=PL%202521%2F2021%20Inteiro%20teor,Projeto%20de%20Lei&text=Declara%20o%20Munic%20do%20Recife,%22Capital%20Nacional%20do%20Brega%22.&text=T%20ADtulo%20de%20capital%20nacional%2C%20Capital,%2C%20Pernambuco%2C%20T%20de%20Top%20B4nimo>>. Acesso em: 23/05/2024.

Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei 5616/2023 Institui o Dia Nacional do Brega**, a ser comemorado, anualmente, em 14 de fevereiro. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2405287>>. Acesso em: 23/05/2024.

Câmara Municipal do Recife. **Alcides Cardoso reclama dos gastos da Prefeitura com o Carnaval 2024**. Disponível em: <<https://www.recife.pe.leg.br/comunicacao/noticias/2024/04/alcides-cardoso-reclama-dos-gastos-da-prefeitura-com-o-carnaval-2024#:~:text=%E2%80%9CA%20Prefeitura%20desembolsou%20quase%20R,3%2C5%20milh%C3%B5es%20de%20patroc%C3%ADnios>>. Acesso em: 29/05/2024.

CORREIA, Mariama. **Racismo policial reprime encontros de passinho e já fez a primeira vítima.** Marco Zero Conteúdo, 19/02/2019. Disponível em: <<https://marcozero.org/racismo-policial-reprime-encontros-de-passinho-e-ja-fez-a-primeira-vitima/>>. Acesso em: 30/03/2024.

Diário de Pernambuco. **Cantora original da música que inspirou 'Só da Tu' adere à versão chiclete.** 2017. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2017/09/cantora-original-da-musica-que-inspiro-u-so-da-tu-adere-a-versao-chicle.html>>. Acesso em: 23/05/2024.

GOMES, Jaciara. **“Do Recife para o mundo”:** os significados do (brega) funk pernambucano. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 277p.

Maker Filmes. **Shevchenko e Elloco, Maneirinho na Voz** - Passinho Não é Crime. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DSkJwT-6RPY>>. Acesso em: 30/03/2024.

MC Loma e as Gêmeas Lacração. **Envolvimento | Clipe Oficial.** 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pOpyq-T4fnQ>>. Acesso em: 10/01/2024.

MORAES, Fabiana. O uniforme da rede pública é motivo de estigma e objeto de desejo de tiktokers. Intercept Brasil. 28/07/2022. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2022/07/26/o-uniforme-da-rede-publica-e-motivo-de-estigma-e-objeto-d-e-desejo-de-tiktokers/>> Acesso em: 25/05/2024

NETO, Frederico. **Ensino de História e Movimento Brega:** fronteiras e possibilidades sobre o uso do Movimento Brega na Educação Patrimonial. In: Ensino de História: debates e proposições para a prática docente. [livro eletrônico]. Organizador Paulo Julião da Silva; coordenação Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, Maria da Conceição Silva Lima. – Recife, PE: Ed. dos Autores, 2023. – (Coleção GEPIFHRI).

PERNAMBUCO. **Projeto de Lei nº 494/2019.** Dispõe sobre a proibição de exposição de crianças e adolescentes no âmbito escolar, a danças que aludam a sexualização precoce e inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate à erotização infantil nas escolas do estado de Pernambuco. Disponível em: <<https://www.alepe.pe.gov.br/proposicao-texto-completo/?docid=4966&tipoprop=p>>. Acesso em: 30/03/2024.

PERNAMBUCO. Secretaria de Cultura. **Convocatória Ciclo Carnavalesco 2017.** Recife: Secretaria de Cultura de Pernambuco, 2016. Disponível em: <<https://www.cultura.pe.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/Convocatoria-Ciclo-Carnavalesco-2017.pdf>>. Acesso em: 06/04/2024.

PIRES, Anneliese. **Michelle Melo desabafa sobre convocatória do governo de Pernambuco para o Carnaval 2017:** brega é cultura sim. NE10, 16 fev. 2017. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2017/02/16/michelle-melo-desabafa-sobre-convocatoria-do-govern-o-de-pernambuco-para-o-carnaval-2017-brega-e-cultura-sim/index.html>>. Acesso em: 06/04/2024.

PREFEITURA DO RECIFE. **Cultura.** Disponível em: <<https://www2.recife.pe.gov.br/pagina/cultura#:~:text=Maracatu%2C%20caboclinhos%2C%20coco%2Dde,destaque%20ao%20Bairro%20de%20Recife>>. Acesso em: 23/05/2024.

PRATA, Lucas. **Apoio de artistas do Bregafunk é disputado em decisão de eleição no Recife.** O Globo, 24/11/2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/lucas-prata/coluna-apoio-de-artistas-do-bregafunk-disputado-em-decisao-de-eleicao-no-recife-24762783>>. Acesso em: 06/04/2024.

RODRIGUES, Camila. **Brega funk no Carnaval do Recife 2023**. Artigo entregue na Especialização em Gestão de Projetos Culturais. CELAAC - USP. Disponível em: <[https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/2023/08/camila\\_estephania\\_rodrigues\\_-\\_brega\\_funk\\_no](https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/2023/08/camila_estephania_rodrigues_-_brega_funk_no)>

SIDRIM, Raíssa Marques Sampaio; FUSCO, Wilson. Mobilidade pendular e inserção ocupacional na Região Metropolitana do Recife. **RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico**, v. 1, n. 42, 2019.  
SOARES, Thiago; BENTO, Emanuel. A nacionalização do brega funk. Revista Temática. João Pessoa, v. 16, n. 8, p. 207-224, ago. 2020.

Soares, Thiago. **"Ninguém é perfeito e a vida é assim"**: a música brega em Pernambuco [livro eletrônico] : a música brega em Pernambuco / Thiago Soares ; [ensaio fotográfico Chico Ludermitz]. – 2. ed. -- Recife : Carlos Gomes de Oliveira Filho, 2021.

TAVARES, Vitor. **Vivos nos corações e na internet: como artistas que já morreram seguem 'postando' nas redes sociais**. BBC 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-50680631>>. Acesso em: 23/05/2024.



